

Universidade de Évora - Escola de Ciências e Tecnologia

Mestrado em Arquitetura Paisagista

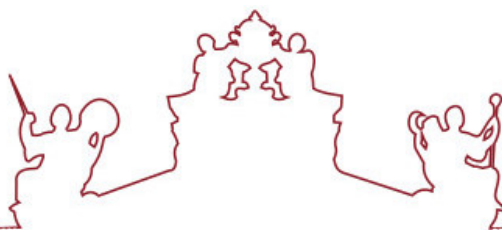
Dissertação

**O Passado, o Presente e o Futuro do Jardim da Fundação
Calouste Gulbenkian**

Pedro Alexandre dos Santos Lopes Casalta

Orientador(es) | Aurora da Conceição Parreira Carapinha

Évora 2023



Universidade de Évora - Escola de Ciências e Tecnologia

Mestrado em Arquitetura Paisagista

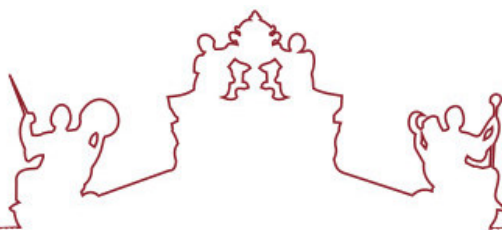
Dissertação

**O Passado, o Presente e o Futuro do Jardim da Fundação
Calouste Gulbenkian**

Pedro Alexandre dos Santos Lopes Casalta

Orientador(es) | Aurora da Conceição Parreira Carapinha

Évora 2023



A dissertação foi objeto de apreciação e discussão pública pelo seguinte júri nomeado pelo Diretor da Escola de Ciências e Tecnologia:

Presidente | Maria Freire (Universidade de Évora)

Vogais | Aurora da Conceição Parreira Carapinha (Universidade de Évora) (Orientador)
Paula Maria Simões (Universidade de Évora) (Arguente)

RESUMO

Esta dissertação explora a história da Fundação Calouste Gulbenkian desde dos tempos da Quinta do Provedor dos Armazéns até aos dias de hoje, e aprofunda a proposta vencedora do concurso para a expansão do Jardim Gulbenkian.

Palavras-chave: Modernismo, Jardim, Fundação Calouste Gulbenkian, Projecto, Arte dos Jardins

ABSTRACT

This dissertation explores the history of the Calouste Gulbenkian Foundation from the time of the Quinta do Provedor dos Armazéns to the present day, and explores the winning proposal of the competition for the expansion of the Gulbenkian Garden.

Keywords: Modernism, Garden, Calouste Gulbenkian Foundation, Project, Art of Gardens.

AGRADECIMENTOS

Começo por agradecer à minha família por todo o apoio dado durante estes 5 anos de vida académica e por tudo o que fizeram por mim em toda a minha vida. A ti Mãe por todas as conversas, por todos os abre-olhos e por todas as palavras que me guiaram até aqui. A ti Pai por todos os bons momentos, pelas conversas e bom encaminhamento que me deste durante toda a minha vida, se sou o que sou hoje é graças a vocês. A ti Fábio, meu irmão, obrigado por seres um exemplo e por seres um ponto de referência que sei que posso olhar sempre que me perder. Aos meus avós, pela experiência e por serem sempre um refúgio de bondade e de boas histórias. Obrigado

Agradecer aos amigos, aos mais próximos, aqueles que são a minha segunda família e que me apoiaram em momentos tão difíceis. A vocês Joana, Rui, Miguel, Almeida, Ricardo, João, Carolina e Marcos obrigado por todos os bons momentos e por todos os outros que ainda estão por vir.

Aos amigos que a academia me deu, obrigado a todos vocês, em especial ao grande amigo Ricardo Pala, por tantas manhãs, tardes e noites, por tantas conversas e por todo o apoio dado durante estes 5 anos. Obrigado

Ao Grupo de Forcados Amadores de Coimbra, em especial ao Pedro Silva, André Leal, Pedro Mendes e Pedro Marques, por todos os bons conselhos que me deram e que me ajudaram a chegar a esta etapa.

A todo o corpo docente do curso de Arquitetura Paisagista da Universidade de Évora, um sincero agradecimento, pela formação de excelência e principalmente pelos valores transmitidos durante estes anos. Em especial à Professora Paula Simões por todo o apoio e à Professora Aurora Carapinha por

todas as histórias que encantavam aquelas noites nas visitas de estudo. São um verdadeiro exemplo de luta e superação. Obrigado

Por fim, a ti Marta, por tudo, por seres a minha melhor amiga, por todos os bons e maus momentos, por todos os conselhos e por me guiares nos momentos em que estive mais perdido. Obrigado

Vai por todos vocês, um obrigado não chega.

ÍNDICE

AGRADECIMENTOS	5
ÍNDICE	7
ACRÓNIMOS	9
ÍNDICE DE FIGURAS	10
I. Passado	13
Genius Loci	13
A História Ecológica	14
A História Cultural	14
O Caráter do Lugar no Projeto do Jardim	17
Quinta do Provedor dos Armazéns	17
Parque de Santa Gertrudes	19
Jardim Zoológico da Palhavã	21
A Primeira Metade do Século XX	22
Feira Popular	25
Parque em Palhavã	25
A Procura pelo Local	27
I.I Do concurso ao anteprojecto	27
O Concurso — as três propostas	28
A Contratação dos Arquitectos Paisagistas	28
Do Projecto de Execução à Obra	29
II. Presente	36
Plano Verde	37
Estrutura Ecológica Fundamental	39
Enquadramento Paisagístico do Jardim da Fundação Calouste Gulbenkian na cidade de Lisboa	40
O Jardim Gulbenkian	42
Contributo Sócio-cultural do Jardim da Fundação Calouste Gulbenkian	44
III. Futuro	46
Futuro do Jardim Gulbenkian	47
As 12 propostas para o novo jardim da Fundação Calouste Gulbenkian	50
A Proposta Vencedora : Engawa Kengo Kuma e Vladimir Djurovic	52
O Novo Jardim da Fundação Calouste Gulbenkian: Crítica	55
Referências Bibliográficas	63

ACRÓNIMOS

FCG - Fundação Calouste Gulbenkian

CAM - Centro de Arte Moderna

CML - Câmara Municipal de Lisboa

CEA - Centro de Educação Artística

EEF - Estrutura Ecológica Fundamental

IGT - Instrumentos de Gestão Territorial

ÍNDICE DE FIGURAS

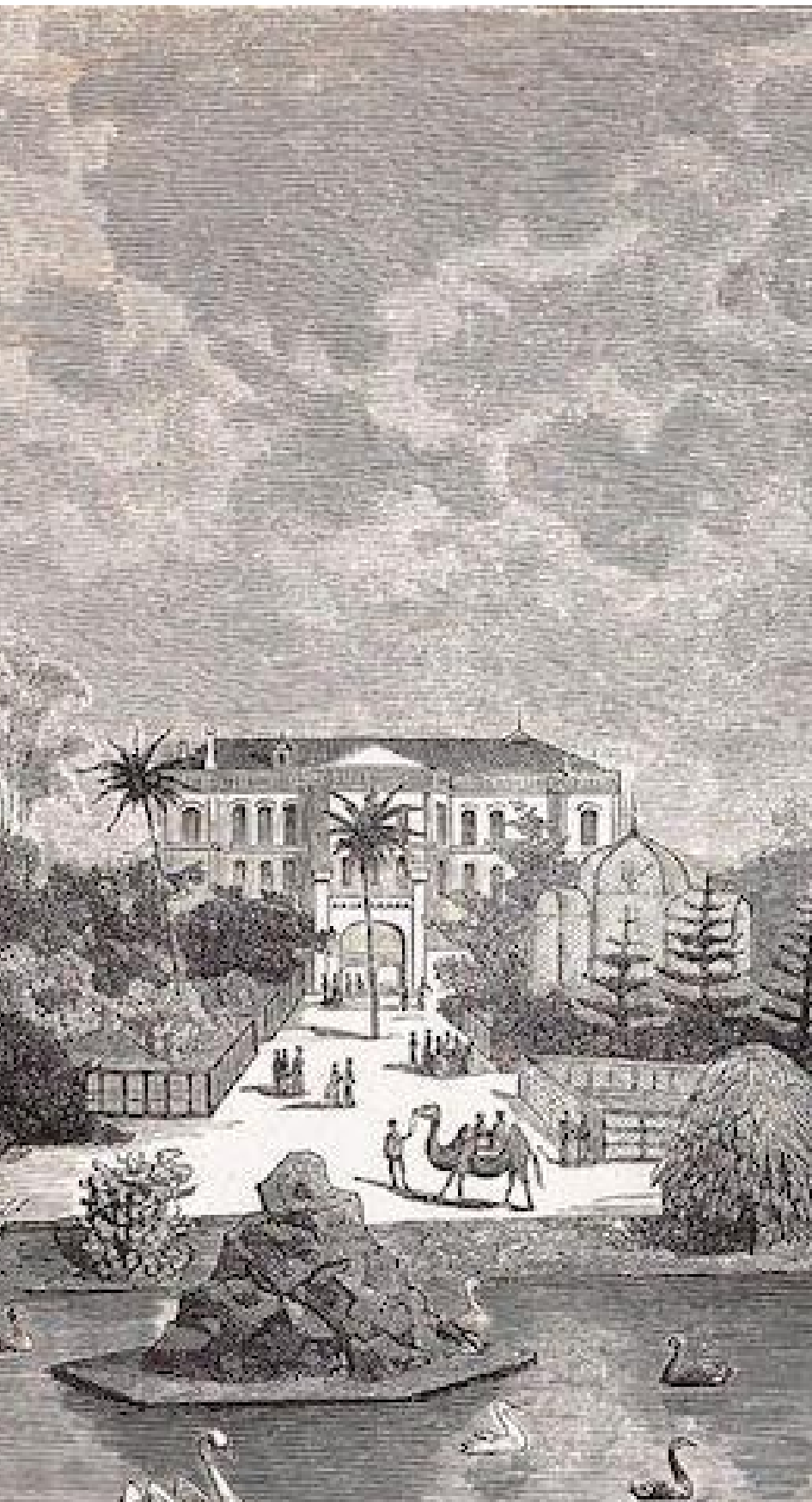
Figura 1 - Excerto de imagem, Vista sobre o eixo principal, que ligava o grande lago ao palácio Fonte: (" <i>Vista sobre o lago - Parque de Santa Gertrudes</i> ", n.d.)	13
Figura 2 - Vista sobre o lago e glorieta no parque de Santa Gertrudes Fonte: (" <i>Vista sobre o lago e glorieta no parque de Santa Gertrudes</i> ", s.d.)	15
Figura 3 - Planta do Parque de Santa Gertrudes Fonte: (<i>Pinto, 1905</i>)	16
Figura 4 - Planta do Jardim Zoológico D'Acclimação de Lisboa Fonte: (<i>Planta do Jardim Zoológico D'Acclimação de Lisboa, 1883</i>)	16
Figura 5 - Planta do Largo de São Sebastião da Pedreira Fonte: (<i>Duarte, 1826</i>)	18
Figura 6 - Planta da Quinta de Fernando Larre Fonte: (<i>Folque, 1857</i>)	18
Figura 7 - Vista sobre o Palácio de São Sebastião da Pedreira Fonte: (" <i>Lisboa de Antigamente</i> ", 1900)	20
Figura 8 - Parque de Santa Gertrudes Fonte: (" <i>Lisboa de Antigamente</i> ", 1900)	20
Figura 9 - Parque de Santa Gertrudes, vista sobre o eixo Fonte: (" <i>Vista sobre o lago - Parque de Santa Gertrudes</i> ", n.d.)	21
Figura 10 - Avenida da Liberdade Fonte:(<i>Leitão Bárcia, 1900</i>)	23
Figura 11 - Av. António Augusto Aguiar, antiga estrada da Palhavã Fonte: (<i>Chaves Bobone, 1902</i>)	23
Figura 12 - Avenida Fontes Pereira de Melo Fonte: (<i>Carlos Lima, n.d.</i>)	23
Figura 13 - Estrada da Palhavã Fonte: (<i>da Cunha, n.d.</i>)	24
Figura 14 - Avenida da Liberdade, vista sobre o coreto Fonte:Cruz, C. (1894). <i>Lisboa de Antigamente</i>	24
Figura 15 - Fotografia aérea, lado direito Avenida de Berna Fonte: (<i>Novais, 1957</i>)	31
Figura 16 - Fotografia das obras da Fundação Calouste Gulbenkian Fonte:(<i>Serviço de Projetos e Obras, 1962</i>)	31

Figura 17 - Fotografia das obras da FCG, evidenciando o Eucalipto preservado Fonte: (Novais, 1964)	32
Figura 18 - Imagem aérea do início obras da Fundação Calouste Gulbenkian Fonte: ("Parque de Santa Gertrudes - Instalações Provisórias", 1962)	32
Figura 19 - Grande Clareira Jardim Gulbenkian Fonte: (Pina, 2020)	36
Figura 20 - Excerto vista sobre o Engawa Fonte: ("Kengo Kuma selected to design the new expansion of the Gulbenkian Garden in Lisbon", n.d.)	46
Figura 21 - Planta do Projecto Vencedor Fonte: (O Jardim da Gulbenkian está a crescer para sul e vai abrir-se à cidade, s.d.)	54
Figura 22 - Vista realista do novo jardim da FCG Fonte: (O Jardim da Gulbenkian está a crescer para sul e vai abrir-se à cidade, s.d.)	54
Figura 23 - Vista realista da entrada do novo jardim da FCG Fonte: (O Jardim da Gulbenkian está a crescer para sul e vai abrir-se à cidade, s.d.)	54
Figura 24 - Vista realista do Engawa para o jardim Fonte: ("Gulbenkian Foundation Extension and Gardens, Lisbon - Kengo Kuma", 2019)	58
Figura 25 - Vista realista aérea do Engawa Fonte: ("Gulbenkian Foundation Extension and Gardens, Lisbon - Kengo Kuma", 2019)	58
Figura 26 - Corte ilustrativo da transição do jardim actual para o novo jardim Fonte: ("Gulbenkian Foundation Extension and Gardens, Lisbon - Kengo Kuma", 2019)	58
Figura 27 - Vista realista do engawa e do CAM Fonte: ("Gulbenkian Foundation Extension and Gardens, Lisbon - Kengo Kuma", 2019)	59
Figura 28 - Vista realista dos viveiros propostos Fonte: ("Gulbenkian Foundation Extension and Gardens, Lisbon - Kengo Kuma", 2019)	59
Figura 29 - Vista realista do eixo visual entre o CAM e a entrada Fonte: ("Gulbenkian Foundation Extension and Gardens, Lisbon - Kengo Kuma", 2019)	59

Introdução

A construção estrutural desta tese apoia-se no passado presente e futuro do Jardim da FCG, num percurso que serve como analogia à crítica que se pretende fazer.

Explicar o passado para justificar o presente e o futuro do Jardim. A crítica vai acontecer sobre o presente e o futuro. A FCG está inserida numa estrutura ecológica essencial à cidade de Lisboa, recaindo sobre ela uma série de condicionantes e favoráveis que contribuem para o desenvolvimento ecológico do próprio jardim da fundação, porque o jardim não é um ecossistema fechado, mas sim um ecossistema em constante mudança com a cidade de Lisboa. Para explicar este processo será necessário explicar toda a história do espaço onde hoje se insere o Jardim da Fundação e que outrora fora uma Quinta de Recreio. A cidade de Lisboa expandiu-se e com ela este espaço também o fez, passando de Quinta a Parque privado da família Eugénio de Almeida e para mais tarde, já depois da morte de José Maria Eugénio de Almeida, albergar o Jardim zoológico de Lisboa. Depois alojou-se durante vários anos a feira popular e só mais tarde a Fundação Gulbenkian e o seu Jardim. Surge como epicentro cultural num Portugal pobre, analfabeto e ditatorial. Proporcionando desde da sua inauguração, liberdade cultural de pensamento e espiritual, um espaço à escala do homem, mas com uma dimensão sensorial e ecológica especial. O jardim Gulbenkian é um espaço único na cidade de Lisboa e foi o início para que hoje se discuta e construa corredores verdes e estruturas verdes que envolvam a cidade de Lisboa num *continuum naturale* pensado por Ribeiro Telles. O Jardim da Fundação foi o salto necessário para o pensamento evoluir e para que hoje seja possível ter a cidade de Lisboa mais verde.



I.Passado

Fig.1 -Excerto de imagem,
Vista sobre o eixo principal, que ligava
o grande lago ao palácio| Fonte:
("Vista sobre o lago - Parque de Santa
Gertrudes", n.d.)

*“O conceito de caráter do lugar deriva do conceito de *genius loci* que cunhado pela cultura grega, este conceito é uma das ferramentas fundamentais no desenho da paisagem. Ele reconhece que cada paisagem tem um caráter próprio, uma personalidade própria que a diferencia de qualquer outra paisagem.*

São elementos definidores do caráter do lugar, a sua forma, função e história. Estes três elementos, determinantes no desenho da paisagem, remetem para a matéria, viva e inerte, e para o tempo histórico e biológico.

Cada lugar onde se desenha uma paisagem tem uma história para contar: uma história ecológica e uma história cultural.” (Carapinha, 2017 “Do caráter do lugar”).

A História Ecológica

A história ecológica é o aglomerado de diferentes componentes ecológicas que existem neste espaço desde do seu início, como morfologia, vegetação, luz, vento, tudo o que de certa forma influenciou este espaço ecologicamente. Um espaço com o caráter histórico como este, que sofreu fortes alterações durante estes anos, apresenta uma diversidade ecológica brutal. Desde da Quinta do Provedor dos armazéns em que o que predominava era a produção de cereal, a produção de pomar, vinha e a produção florestal, estas variantes, deixaram uma memória ecológica neste espaço, acabando por influenciar o que é hoje.

A História Cultural

“A história cultural pode ler-se numa sequência de espaços que nesta encosta se foram a construir conforme as transformações da sociedade e conseqüentemente da cidade:

- *Do século XVII chegou, até ao presente, a forma trapezoidal que a quinta rústica de Fernando Larre (ou Quinta do Provedor) fundou; (Veja-se Fig.3)*
- *Da segunda metade do século XIX perpetuou-se a ideia de Parque que José Maria Eugénio de Almeida idealizou e que Jacob Weiss desenhou: O Parque de Santa Gertrudes;*

São elementos fortes desse desenho:

- *O eixo principal que ligava o palácio com o lago; (Veja-se Fig.3)*
- *A frondosidade da vegetação; (Veja-se Fig.2)*
- *A suave modelação que havia sido introduzida pela construção do lago e que de imediato definiu duas espacialidades distintas a montante e a jusante do lago. A primeira, marcadamente com uma espacialidade de jardim; a outra como espaço mais ambíguo onde o ciclone de 41 provocou elevados estragos;*
- *Do final do século XIX emerge a ideia de sociabilidade através do Jardim Zoológico de Aclimação de Lisboa que se instala no Parque de Santa Gertrudes entre 1866 e 1905;*
- *Do período entre 1905 e 1915 herda o conceito de mundanidade, que a instalação de um velódromo e depois de um hipódromo determinaram no Parque de Santa Gertrudes;*
- *Entre 1943 e 1956 a ideia de espaço de sociabilidade reforça-se pela instalação da Feira Popular Lisboa.*



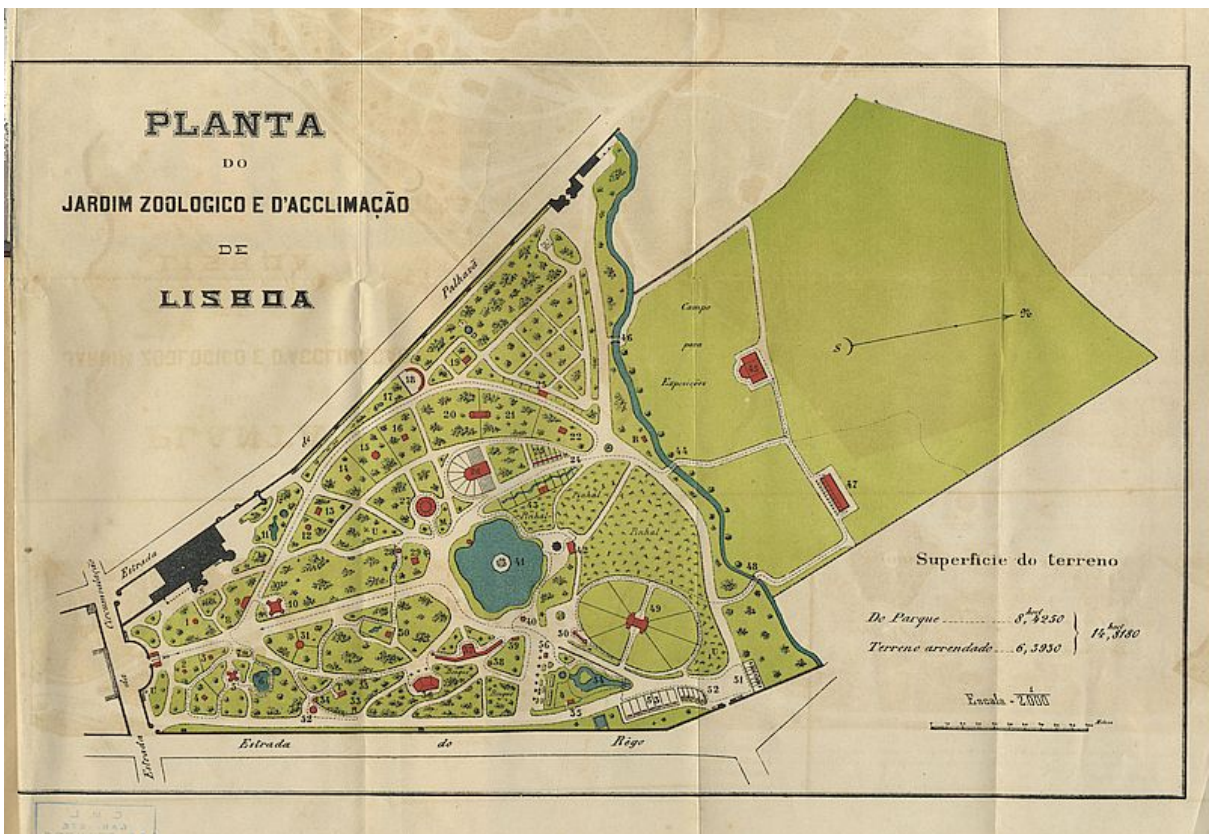
Fig.2 -Vista sobre o lago e glorietta no parque de Santa Gertrudes| Fonte: (Vista sobre o lago e glorietta no parque de Santa Gertrudes, s.d.)



Fig.3 -Planta do Parque de Santa Gertrudes | Fonte: (Pinto, 1905)



Fig.4 - Planta do Jardim Zoológico D'Acclimação de Lisboa | Fonte: (Planta do Jardim Zoológico D'Acclimação de Lisboa, 1883)



O Caráter do Lugar no Projeto do Jardim

A análise do processo desenvolvido por António Viana Barreto e por Gonçalo Ribeiro Telles revela que estas dimensões ecológicas e históricas foram compreendidas pelos projetistas:

- *A planta dos elementos de trabalho, que informam todo o processo de projeto, expressam a compreensão do lugar ecológico;*
- *A espacialidade aprazível, determinada pela presença de água e por um coberto arbóreo rico e diverso, que se encontra descrita e representada em vários documentos, foi reescrita consoante o contexto temporal que define um novo desenho de jardim;*
- *O eixo estruturante definido no século XIX encontra-se reinventado no eixo visual que se desenvolve desde a fachada sul da Galeria das Exposições Temporárias;*
- *O lago estático, contido, desenhado por Weiss, reinventa-se num desenho onde são as lógicas ecológicas que orientam o projeto e não os pressupostos pitorescos do século XIX;*
- *A vegetação, elemento de construção de espacialidades, é utilizada pelo seu valor estético e ecológico intrínseco e não só pelo seu exotismo.” (Carapinha, 2017 “Do caráter do lugar”).*

Quinta do Provedor dos Armazéns

Nos terrenos onde hoje existe a FCG, existia outrora a Quinta do Provedor dos Armazéns. Situada na fronteira entre o meio rural e o meio urbano, desde de muito cedo que esta quinta, hoje Fundação Calouste Gulbenkian, teve os limites definidos, junto à antiga Quinta, existia na altura um dos principais eixos da cidade de Lisboa, a estrada da Palhavã ou estrada de Benfica, hoje Rua

Doutor Nicolau Bettencourt que estabelecia a ligação entre as Portas de Santo Antão (Baixa de Lisboa) e os campos agrícolas de Lisboa.

A Quinta da Palhavã, a Quinta de Albuquerque e a Quinta de Fernando Larre (Provedor dos Armazéns) delimitavam o espaço urbano do espaço rural da cidade de Lisboa. Um espaço rural marcado pelos campos de trigo que ocupavam as zonas mais secas e nas zonas mais húmidas e de vale apareciam as hortas e os pomares nas encostas predominavam os bosques de carvalho e as oliveiras, um mosaico de paisagem do séc.XVII marcado pela produção agrícola, hortícola ou florestal.

A Quinta insere-se entre o alto de Picoas e a várzea de Picoas, e estende-se sobre a colina que sobe para sul. Os limites a sul da quinta foram bem definidos desde cedo como já foi referido e a norte junto da atual Praça de Espanha os limites não estavam definidos, como se pode ver nas imagens 2 e 3.

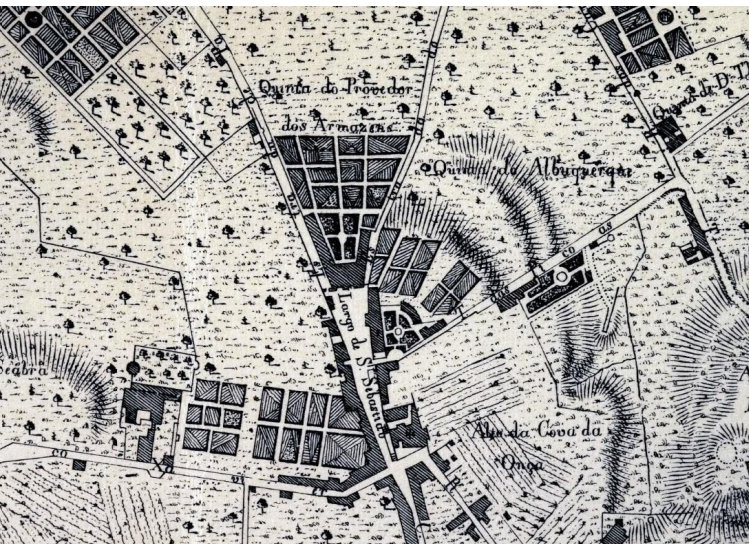


Fig.5 - Planta do Largo de São Sebastião da Pedreira | Fonte: (Duarte, 1826)

Fig.6 - Planta da Quinta de Fernando Larre | Fonte: (Folque, 1857)



Uma quinta de recreio à semelhança da cultura portuguesa, que se organizava por edifício, jardim, pomar, horta, vinha e campos de cereais. Era uma quinta onde o ócio e a produção coexistiam de forma plena e funcional. Em 1857 a nova estrada de circunvalação divide a propriedade em dois espaços, o espaço produtivo e o espaço do edifício e jardim. Logo a Quinta é reclamada e adquirida por José Maria Eugénio de Almeida, marco importante para a história desta propriedade que a partir daqui adapta-se aos novos tempos e às novas vontades do novo dono. José Maria Eugénio de Almeida, conselheiro de estado, deputado e magistrado com formação em Direito, era um senhor do Reino de Portugal, um símbolo do progresso, que queria um Portugal evoluído em termos sociais, económicos e culturais, tinha negócios no ramo industrial, comércio e financeiro, detentor de uma das maiores fortunas do ramo naquela época. Quando adquiriu a quinta devolveu-lhe a continuidade, antes perdida. O palácio sofreu alterações tendo agora uma linguagem neoclássica que perdura e constrói um parque com um carácter paisagista.

Mais tarde o seu bisneto, Vasco Eugénio de Almeida, vendeu o palácio à Região Militar em 27 de abril de 1948 e vendeu parte do parque em 1957 à FCG. Mais tarde, em 2006, a Fundação adquire a parte restante do parque que tinha ficado na posse da Casa Vilalva.

“Há como uma força interior do lugar que procura desvanecer as marcas do tempo e que induz os diferentes proprietários a retomarem a integridade da matriz inicial. Pelo menos a do parque”. (Carapinha, 2006,p.21)

Parque de Santa Gertrudes

O Parque de Santa Gertrudes surge após a aquisição da Quinta do Provedor dos Armazéns por José Maria Eugénio de Almeida. Jacob Weiss, de nacionalidade suíça e profissão de jardineiro, já trabalhava em Portugal nos jardins do Paço do Lumiar.

Em 10 de novembro de 1866, iniciou-se a construção do Parque de Santa Gertrudes, concluída em 1870. Durante esses quatro anos de trabalho, a antiga quinta de Fernando Larre sofreu grandes alterações, incluindo a criação de um lago e o plantio de mais de 2221 elementos vegetais, provenientes de várias localidades como França, Campo Grande, Queluz e Sintra. Em 1868, começou a construção das cocheiras de acordo com o projeto de Cinatti.

Tudo o que era característico da Quinta do Provedor dos Armazéns havia desaparecido, permanecendo apenas os poços e a encosta voltada para o norte. O parque estava agora dividido em duas partes, cada uma com uma linguagem diferente. Uma parte apresentava um caráter mais geométrico, enquanto a outra tinha um caráter mais pictórico, seguindo princípios estéticos. Jacob Weiss, formado na escola francesa de desenho de jardins, começou a desenhar o jardim privado, existindo já uma proposta do arquiteto Valentim José Correia que combinava dois estilos diferentes, o francês e o inglês. Na visão de Jacob Weiss, ambos os estilos necessitavam de escala, optando assim por desenhar um jardim no estilo inglês.

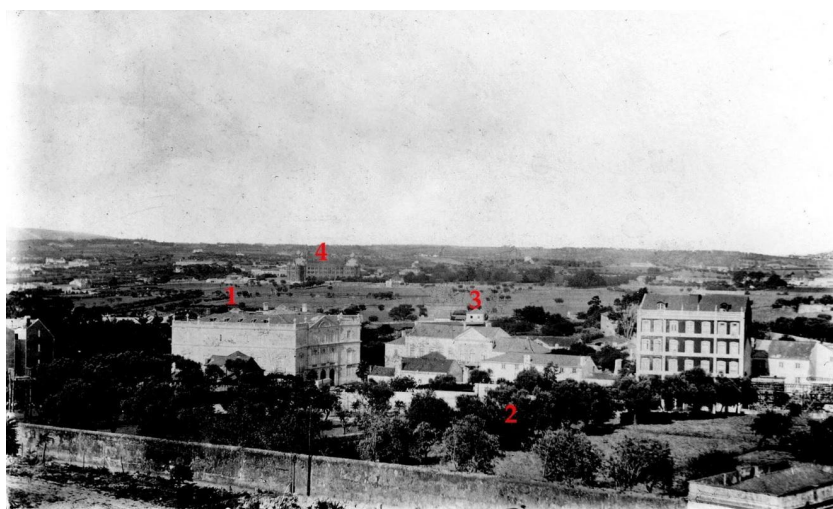


Fig.7 - Vista sobre o Palácio de São Sebastião da Pedreira | Fonte: ("Lisboa de Antigamente", 1900)

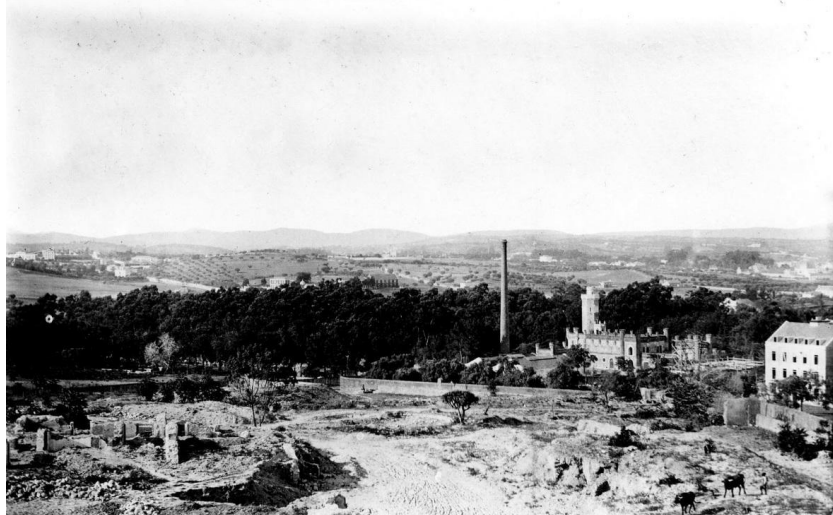


Fig.8 - Parque de Santa Gertrudes | Fonte: ("Lisboa de Antigamente", 1900)

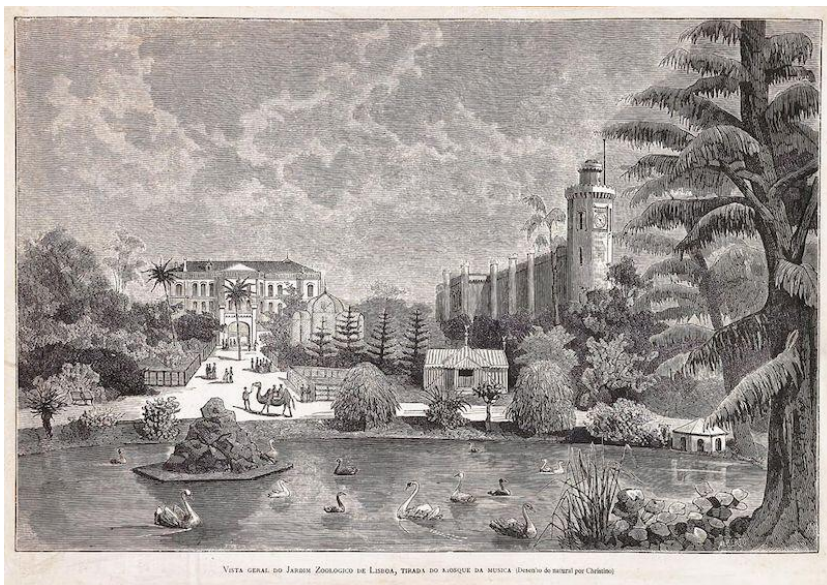


Fig.9 - Parque de Santa Gertrudes, vista sobre o eixo | Fonte: ("Vista sobre o lago - Parque de Santa Gertrudes", n.d.)

Jardim Zoológico da Palhavã

Em 1872, José Maria Eugénio de Almeida faleceu e, em 1884, D. Maria das Dores Pintos, sua viúva, cedeu o Parque de Santa Gertrudes para a instalação do Jardim Zoológico de Aclimação de Lisboa, que permaneceu ali durante 10 anos. Assim, todo o caráter intimista do Parque de Santa Gertrudes foi transformado num espaço de alta sociabilidade, conferindo-lhe o caráter social que atualmente é observado no Jardim Gulbenkian.

Com isso, as entradas para o parque sofreram alterações no lado sul, abrindo-se uma entrada alinhada com a arquitetura em "U" do palácio, outra entrada abre-se para a Rua da Palhavã e para a Rua do Rego. Atualmente, ainda é possível observar essas entradas, sendo as duas laterais mais discretas e a principal no centro, que ganha maior importância. De um projeto inicialmente pitoresco, com caminhos sinuosos, destaca-se o grande eixo que se estende desde a entrada principal no sul até ao grande lago. Embora a conexão direta com o palácio tenha sido interrompida, esse eixo sugere essa ligação que já não existe. Ao analisarmos o Jardim Gulbenkian hoje, podemos perceber que ele

preservou esse eixo, não apenas na entrada principal da Fundação Calouste Gulbenkian, onde, ao sobrepor os desenhos e traçar uma linha reta desde a entrada até o topo sul, percebe-se que está perfeitamente alinhado, mas também foi preservado de outra forma interrompido no futuro pelo CAM, o eixo visual direcionado da grande clareira para o sul, uma referência a esse grande eixo do passado criado por Jacob Weiss.

Após o falecimento de Maria das Dores, esposa de José Maria Eugénio de Almeida, Carlos Eugénio, filho do casal, seguiu a sua vontade e interrompeu a cessão do parque ao Jardim Zoológico em 1894.

A Primeira Metade do Século XX

Com o encerramento do Jardim Zoológico, por vontade de Carlos Eugénio, Lisboa necessitava de um novo espaço de convívio social. Surgiu então, mais a norte, junto ao Parque de Santa Gertrudes e nos terrenos onde a Fundação Gulbenkian está hoje, um novo espaço de sociabilidade que, inicialmente, incluía um velódromo e, posteriormente, um hipódromo. Essa adição conferiu a esse espaço um carácter sociável que se mantém muito característico nos dias de hoje.

Em 1881, no âmbito do plano de melhoramento de Lisboa, definiu-se um novo eixo na cidade com a perspetiva de se tornar um novo motor e gerador de novas habitações para a população. Esse novo eixo seria a Avenida da Liberdade, construída sobre um eixo já existente, mas menos marcado e mais natural. A partir desse plano, surgiram os principais eixos de Lisboa, como os conhecemos atualmente.

No topo da Avenida da Liberdade, foi criada uma rotunda que abrigaria a estátua do Marquês de Pombal. A partir desse ponto, foram traçadas a Avenida Fontes Pereira de Melo (Veja-se Fig.13), que estabeleceria a ligação com a Avenida da República e, assim, completaria a ligação até ao Campo Grande, a Avenida António Augusto Aguiar (Veja-se Fig.12), que ligaria esse novo centro a

São Sebastião da Pedreira, e a Avenida Joaquim António de Aguiar. Posteriormente, através de um acordo entre Maria do Patrocínio de Barros Lima, viúva de Carlos Eugénio de Almeida, e a Câmara Municipal de Lisboa, foi autorizada a abertura da Avenida de Berna e a ampliação da Avenida António Augusto Aguiar. Como contrapartida, a família Eugénio de Almeida cedeu parte dos terrenos do Parque de Santa Gertrudes para o desenvolvimento urbano da cidade de Lisboa e recebeu terrenos a norte para definir e alinhar o Parque com a nova Avenida de Berna.

Com isso, o Parque de Santa Gertrudes viu o seu limite norte definido pela primeira vez.





Fig.10 - Avenida da Liberdade|
Fonte:(Leitão Bárcia, 1900)

Fig.11 - Av. António Augusto Aguiar,
antiga estrada da Palhavã |
Fonte: (Chaves Bobone, 1902)

Fig.12 - Avenida Fontes Pereira de Melo|
Fonte: (Carlos Lima, n.d.)

Fig.13 - Estrada da Palhavã| Fonte: (da
Cunha, n.d.)

Fig.14- Avenida da Liberdade, vista sobre
o coreto| Fonte:Cruz, C. (1894). Lisboa de
Antigamente.



A Câmara Municipal de Lisboa estabeleceu várias condições em relação ao Parque, impedindo a proprietária de construir mais de 16 moradias, as quais deveriam ser edificadas nos 16 lotes designados no mapa pelo órgão municipal. Além disso, cada residência deveria ter um jardim e, aos domingos e feriados, o Parque deveria estar aberto ao público. Com isso, seguindo o exemplo de parques e jardins que se transformavam em "condomínios privados" em Paris, o Parque de Santa Gertrudes estava prestes a enfrentar o mesmo destino. No entanto, se os descendentes de José Maria Eugénio de Almeida não tivessem aceitado as propostas da C.M.L., é muito provável que o Parque de Santa Gertrudes não tivesse resistido. Felizmente, resistiu e não foram construídas habitações dentro dele, o que teria descaracterizado completamente o propósito e a dimensão social que este Parque possuía.

Feira Popular

Graças à generosidade que caracteriza o Conde Vill'Alva, Vasco Maria Eugénio de Almeida, bisneto de José Maria Eugénio de Almeida, cedeu os terrenos para a instalação da Feira Popular. Dessa vez, o Parque de Santa Gertrudes abria as suas portas ao público, ávido por desfrutar ao máximo desse espaço. O Parque de Santa Gertrudes transformar-se-ia, então, num Parque de diversões repleto de entusiasmo, vivências e experiências. Tudo o que é mais popular estaria presente, desde as guloseimas até as animações típicas de uma verdadeira feira popular.

Parque em Palhavã

No dia 30 de abril de 1957, Vasco Maria Eugénio de Almeida, Conde Vill'Alva, vendeu uma parte do Parque de Santa Gertrudes à FCG. Passaram-se

então 90 anos desde que José Maria Eugénio de Almeida adquiriu a Quinta ao Provedor dos Armazéns a Fernando Larre. Ao longo desse período, o espaço passou por várias transformações, evoluindo de uma quinta de recreio com um carácter predominantemente produtivo e recreativo para o Parque de Santa Gertrudes, onde prevalecia uma atmosfera intimista, ociosa e paisagística, com momentos de sociabilidade. Tratava-se de um parque privado que pertencia à cidade e às suas gentes.

O Parque de Santa Gertrudes testemunhou o crescimento da cidade de Lisboa desde os tempos em que a quinta e o parque eram uma única propriedade, até serem separados pela estrada da circunvalação. Foi observada a construção das grandes avenidas que atualmente o rodeiam, como a Avenida António Augusto Aguiar, a Avenida de Berna e a Rua Marquês Sá da Bandeira. Atualmente, o parque mantém-se num espaço que preserva os seus valores de antigamente, mantendo um ambiente íntimo, mas também social, e um grande cuidado ecológico. O carácter agrícola desapareceu, mas deu lugar a uma abordagem produtiva e de conservação. Anteriormente, o Parque representava o limite da cidade, o ponto de transição entre o meio urbano e o rural. Hoje, é o centro da cidade, longe de ser uma fronteira, mas ainda assim, mantém visíveis as suas fronteiras que se mantiveram ao longo do tempo.

No ano de 1957, foi assinada a escritura entre a FCG e Vasco Maria Eugénio de Almeida, para a venda de "seis sétimas partes da área total". Esse momento marcou a segunda vez em que esse espaço foi vendido a um novo proprietário, sendo que a primeira vez já foi mencionada anteriormente, quando Fernando Larre vendeu a propriedade a José Maria Eugénio de Almeida. A divisão foi realizada naquela ocasião. Na área onde atualmente ocorrem as obras de expansão do Jardim Gulbenkian, o espaço continuou a ser denominado Parque de Santa Gertrudes, enquanto o restante do terreno vendido à Fundação passou a ser chamado de Parque da Palhavã até 1965. Na escritura, é mencionado que o espaço vendido à FCG era destinado: "*b) à construção dos*

edifícios necessários, presentes e futuros, tanto para instalar os serviços da Fundação como para cumprir os seus objetivos estatutários; e a parte restante do parque (...) c) (...) não só para uso próprio, mas também para uso público, de acordo com as condições estabelecidas pela Câmara Municipal de Lisboa, conforme os regulamentos gerais dos parques e jardins municipais vedados. d) Para efeitos do mencionado nas alíneas anteriores, e sem prejuízo do estipulado nelas, logo após a construção do palácio, museu e biblioteca, que a Fundação pretende construir no local, a manutenção do parque e a sua supervisão, uma vez que o mesmo seja aberto ao público, ficarão a cargo da Câmara Municipal de Lisboa (...)." (Carapinha, 2017 "A preparação do parque e as instalações provisórias [1957-1963]).

A Procura pelo Local

Calouste Gulbenkian morreu a 20 de julho de 1955, deixando já em testamento que queria que em Lisboa se erguesse uma Fundação, cujo objetivo de conservar as obras de arte, e expo-las ao público. No ano a seguir à sua inicia-se a procura por um terreno que conseguisse albergar as infraestruturas que se pretendiam construir para materializar a FCG, um processo complicado que leva o administrador e o advogado de Calouste Gulbenkian, Dr. Azeredo Perdigão consulta o Eng. Guimarães Lobato, diretor-geral dos Serviços de Urbanização da Câmara Municipal de Lisboa, sobre o Plano Diretor de Urbanização de Lisboa.

O conhecimento geral da cidade de Lisboa por parte do Eng. Guimarães Lobato impressionaram o Dr. Azeredo Perdigão que ao fim de 3 dias de reuniões o convida para fazer parte da equipa e ser responsável do projeto de construção da FCG, aceite pelo Engenheiro.

I.I Do concurso ao anteprojecto

“O Programa das Instalações da Sede e Museu: considera que O Parque de Santa Gertrudes, devidamente restaurado na pujança da sua vegetação, constituirá um dos espaços livres públicos de maior interesse de Lisboa; local privilegiado que certamente atrairá a população e proporcionará à Fundação possibilidades de maior divulgação das suas atividades culturais. E, assim sendo, (...) Também se tiveram em conta as limitações da área do parque em relação às suas funções relevantes de espaço verde urbano, aproveitadas para a valorização e o enquadramento do conjunto das edificações a construir.” (Carapinha, 2017 “Do concurso ao anteprojecto [1959-1962]).

O Concurso — as três propostas

Em fevereiro de 1960 as três equipas de arquitetos convidadas, assessorados por Leslie Martin e Franco Albini, entregam as propostas para as Instalações da Sede e Museu da Fundação Calouste Gulbenkian.

As equipas são constituídas pelos seguintes arquitetos:

- Ruy Athougia, Alberto Pessoa e Pedro Cid – Grupo A;
- Arménio Losa, Luís Pádua Ramos e Formosinho Sanchez – Grupo B;
- Arnaldo Araújo, Frederico Jorge e Manuel Laginha – Grupo C.

A 4 de abril de 1960 a Azeredo Perdigão informa os arquitetos Ruy Athougia, Alberto Pessoa e Pedro Cid – Grupo A, que a sua proposta é a proposta vencedora.

A Contratação dos Arquitetos Paisagistas

No dia 5 de abril de 1961, um ano após a seleção da equipa de arquitetos, o Eng. Guimarães Lobato propõe ao Dr. Azeredo Perdigão a contratação de dois técnicos para a realização de estudos e projetos relacionados ao arranjo do Parque de Santa Gertrudes. Entre os nomes sugeridos estão os Arquitetos

Paisagistas Gonçalo Ribeiro Telles, António Facco Viana Barreto e os Arquitetos Manuel de Azevedo Coutinho, Edgar Ferreira Fontes e Álvaro Ponce Dentinho.

Na sua proposta, o Eng. Guimarães Lobato destaca o papel desses técnicos, especialmente no que diz respeito à integração das estruturas edificadas no parque e à preservação dos exemplares arbóreos. Azeredo Perdigão remete a decisão para a Comissão Delegada que, logo a 12 de abril, decide confiar esse trabalho aos Engenheiros-Agrónomos e Arquitetos Paisagistas Gonçalo Ribeiro Telles e António Facco Viana Barreto. Esta escolha foi determinada pelo facto de o Eng. Guimarães Lobato ter dado a informação de que, além de se tratar de técnicos muito competentes, eles foram aqueles que os arquitetos autores dos projetos da Sede e Museu mais recomendavam.

Em carta, datada de “16 de maio de 1961” (Carapinha, 2017 *“Do concurso ao anteprojecto [1959-1962]”*), aqueles técnicos agradecem a Azeredo Perdigão o convite que lhes foi dirigido e apresentam os princípios orientadores da sua intervenção e o tipo de contribuição que podiam dar nos restantes estudos a desenvolver. Consideravam ser da maior importância, para um bom resultado, dada a complexidade e natureza da obra, uma íntima e ativa colaboração de ordem técnica e estética tanto com os arquitetos, autores do projeto, como com os engenheiros encarregados das estruturas e infraestruturas relacionadas com o parque.

Do Projeto de Execução à Obra

“Em janeiro de 1962, foram adquiridas 30 árvores e 100 arbustos” (Carapinha, 2006, p.102).

Esta encomenda tinha como propósito, começar a plantação nos locais afetados pelas obras da construção da Sede e do Museu e da orla periférica que iria fechar o espaço e proteger de ruídos e vistas exteriores. A seguir delimitou-se a área onde iriam ocorrer as primeiras escavações e também se

protegiam todos os exemplares arbóreos que se iriam manter. Entre todos os exemplares salta à vista o Eucalipto junto à parede exterior do Grande Auditório que teve um tratamento especial. Para preservar esta espécie foi construído um muro de suporte para proteger todo o sistema radicular, assim com as escavações posteriores do Grande Auditório, não se iria danificar as raízes do Eucalipto.

Em 1962, na preparação do terreno para obra transplantaram-se para os viveiros que haviam sido criados pelo Arquiteto Manuel Azevedo Coutinho, esses elementos, que foram transplantados, eram para usar nas futuras plantações. Outras espécies que também foram retiradas foram replantadas na Quinta do Marquês, em Oeiras, para esta Quinta, foram também as "*pastas de relva*" que foram semeadas em 1958.

Com esta preparação do espaço para obras foram abatidos apenas, 25 plátanos, 1 pinheiro, 2 lodãos e 1 oliaia, a lenha resultante destes abates foram para associações de caridade. Toda a terra viva que estaria nas áreas intervencionadas foi retirada e colocada numa zona, para mais tarde ser usada no novo parque que ali iria ser construído.

A 12 de junho de 1962 começa a 1.^a empreitada da construção do Museu e da Sede.

"Paralelamente a estes trabalhos os arquitetos paisagistas desenvolviam o projeto de execução. António Barreto e Gonçalo Ribeiro Telles entregaram, conforme o que havia sido previsto na cláusula nona do seu contrato, o Projeto de Execução, a 31 de março de 1963.

Iniciou-se, então, um primeiro ciclo de construção que decorreu entre os anos de 1963 e 1965. Esta fase centrou-se, sobretudo, na zona Sul do Jardim. Modelou-se o terreno entre o edifício do Museu, o lago e o roseiral. O mesmo fez-se no espaço que se desenvolve entre a Galeria das Exposições Temporárias e o lago. Nivelou-se, ainda, a área correspondente ao palco do Anfiteatro ao ar livre. Construiu-se o lago.

Desmontou-se, por isso, o antigo lago. Por fim deu-se início à plantação das margens do lago e à sementeira de relva das áreas envolventes.

Neste primeiro período de construção as obras incidiram, sobretudo, sobre o lago e espaços envolventes e corresponderam, de facto, a uma fase de grande atividade construtiva do parque, que se encontra bem documentada em arquivo. Compram-se tanto materiais inertes necessários à construção do lago e das suas margens como um sem número de espécies vegetais (árvores, arbustos e herbáceas, sementes de relvado). Umas são destinadas a plantações e sementeiras definitivas, outras são instaladas nos viveiros para posterior utilização.” (Carapinha, 2017, “Do projeto de execução à obra [1963 – 1969])”

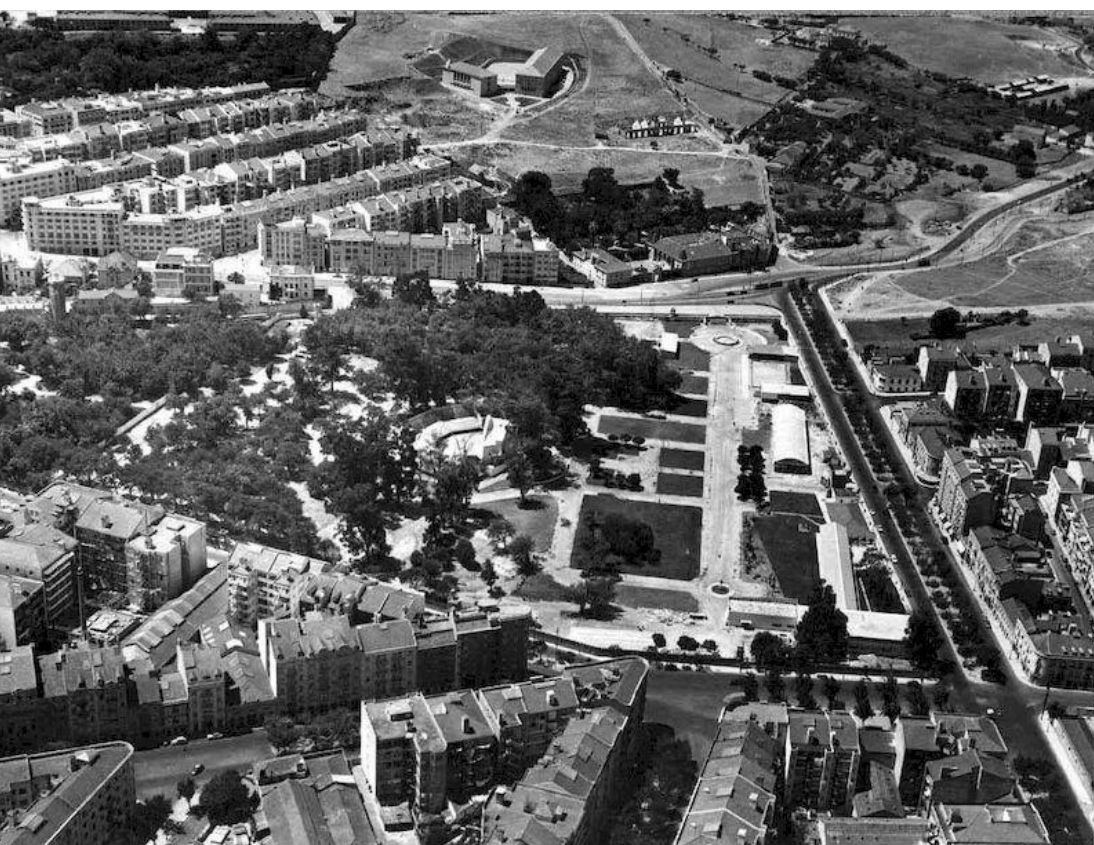


Fig.15 - Fotografia aérea, lado direito Avenida de Berna | Fonte:
(Novais, 1957)

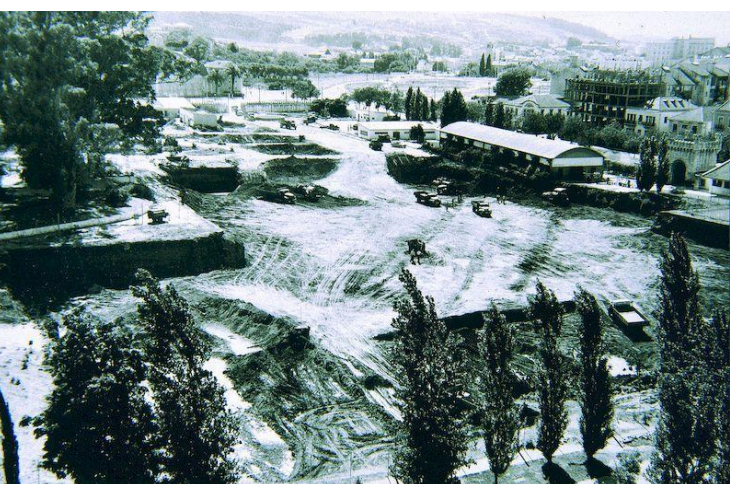


Fig.16 - Fotografia das obras da Fundação Calouste Gulbenkian
| Fonte:(Serviço de Projetos e Obras, 1962)



Fig.17 - Fotografia das obras da FCG, evidenciando o Eucalipto preservado |Fonte: (Novais, 1964)

Fig.18 - Imagem aérea do início obras da Fundação Calouste Gulbenkian|

Fonte: ("Parque de Santa Gertrudes - Instalações Provisórias", 1962)

Em 1963 inicia-se a primeira fase de construção do Edifício Sede e Museu com o Parque de estacionamento, muros de suporte e execução de terraplanagens. Iniciaram-se também os trabalhos do futuro parque, modelações de terreno, drenagens e esgotos, iniciou-se também a construção das infraestruturas do futuro lago e a impermeabilização da cobertura do parque de estacionamento. Terminada a impermeabilização da cobertura, colocaram-se camadas de brita, turfa e terra viva.

Começaram também os ensaios de construção das margens rochosas do lago e a seguir a construção definitiva, terminadas as margens procedeu-se à construção das margens não rochosas, terminado este processo importantíssimo, seguiu-se a plantação de espécies nas margens do lago. Foi também feita a sementeira dos relvados de forma provisória, colocando a terra

viva que havia sido armazenada, apenas para evitar poeiras e arrastamentos de terras.

Em 1964 continuaram as obras da zona sul do parque que não iria ser afetada pelas obras do edifício Sede e Museu e conclui-se a construção do grande lago. Com a finalização de algumas zonas procedeu-se à plantação de árvores, arbustos e herbáceas e sementeira das zonas relvadas.

Em 1965 continuou-se com as plantações nas zonas já terminadas e que não iriam sofrer alterações. Deu-se início à construção da rede de rega na cobertura do parque de estacionamento. É em 1965 que procede à demolição do mirante que fazia parte do Parque de Santa Gertrudes. É também em 1965 que se realizam as comemorações do décimo aniversário da morte de Calouste Gulbenkian, com isto foram feitos todos os esforços para que a zona sul do parque estivesse terminada para se instalar a estátua dedicada ao fundador. E com este momento e a partir desta data 20 de julho de 1965 que o Parque da Palhavã até à altura conhecido por este nome recebe a designação de Parque Calouste Gulbenkian. Em 1965 a FCG inicia contactos com o Conde de Vill'Alva para aquisição de uma faixa de terreno no limite a sul com o que resta do Parque de Santa Gertrudes.

Entre 1966 e 1967 desenvolveu-se o Projeto de revisão. *“Em dezembro de 1966 Azeredo Perdigão, presidente de Fundação, informa o Conselho da Fundação que se havia fechado o negócio da aquisição com o Conde Vilalva, de mais uma parcela de terreno anexa pelo lado sul, [...] com a largura média de cerca de 26 m e uma área total de 4.675m²”. (Carapinha, 2017 “Revisão de 1966”)*

A compra de mais uma parcela do Parque de Santa Gertrudes resultava de um conjunto de alterações programáticas, de natureza cultural, decorrentes da decisão de ampliar os anexos no piso inferior do Auditório e de criar um Centro de Ballet que se localizaria a sul da propriedade.

Durante o ano de 1964 foram desenvolvidos um conjunto de estudos que procuravam encontrar a melhor solução da área a adquirir.

Em novembro de 1964, Gonçalo Ribeiro Telles considera que a construção de um edifício, que funcionaria como Centro de Educação Artística, numa faixa a sul do terreno, iria comprometer um valioso maciço arbóreo aí existente.

Perante esse parecer, Guimarães Lobato arquiva o processo, que só será reaberto um ano depois, em outubro de 1965, quando se pensa instalar já não o CEA, mas o novo *Centro de Ballet*.

A 18 de outubro de 1965, numa troca de correspondência, entre José de Azeredo Perdigão e o Conde de Vilalva, sobre o muro de divisória das duas propriedades, lê-se que é urgente a: *“(...) definição, de um modo tanto quanto possível definitivo, da extrema entre a propriedade de V.Ex.^ª e a parte do Parque de Santa Gertrudes, (...) que pertence à Fundação. (...). Esse muro, construído meia vez de tijolo, está de novo, em grande parte, no chão (...). Torna-se necessário construir um importante edifício precisamente junto à atual extrema divisória (...) é indispensável que V.Ex.^ª nos diga se estará disposto, mais uma vez, (...) a ajudar-nos, vendendo à Fundação, por preço a combinar, mais um lote de terreno (...)”*.

Os arquitetos paisagistas são mais uma vez consultados sobre a possível ampliação. Desta consulta resultou um conjunto de peças desenhadas e um documento assinado pelo arquiteto Jorge Sotto-Mayor de Almeida e pelo arquiteto Gonçalo Ribeiro Telles onde foi claramente definido o caminho a seguir.

Decidida a área e a forma da parcela a adquirir, dá-se início a um processo de revisão do anteprojeto apresentado em 1963. (Carapinha, 2017 “Revisão de 1966”)

Na madrugada de 25 para 26 de novembro de 1967, assolou-se sobre toda a região de Lisboa, de Cascais a Alenquer, uma chuva de tal maneira forte que chegou a atingir os 170 L/m² – por hora, uma enxurrada de água, lama e detritos devastaram toda a região de Lisboa, estima-se que o número de mortos tenha superado os 700, foram oficialmente declarados pelo estado novo 462 mortos.

Em 1968 ainda decorreram as ações de recuperação dos prejuízos causados pelas cheias na obra da Fundação Gulbenkian. Inicia-se em 1968 a construção do Anfiteatro ao ar livre e no outono conclui-se assim o parque de estacionamento subterrâneo. Intensifica-se e começa-se a construção de áreas do jardim diretamente relacionadas com o edifício, tais como, a cobertura da galeria das exposições temporárias, pátio dos congressos, pátios do museu e as floreiras do edifício Sede.

Em 1969, o ano da inauguração, termina-se a construção dos muros de vedação e acessos, às infraestruturas do auditório ao ar livre são terminadas assim como a impermeabilização e a modelagem de terreno, são demolidas todas as instalações provisórias que funcionavam desde 1957, os serviços e as atividades da FCG. A menos de um mês da inauguração, conclui-se a construção do sistema de percursos e a 2 de outubro de 1969 é assim terminada a obra do Jardim, edifício, Sede e Museu da FCG.



II. Presente

Fig.19 - Grande Clareira Jardim Gulbenkian | Fonte:
(Pina, 2020)

Plano Verde

O Plano Verde de Lisboa foi pensado há bastante tempo e, atualmente, diversas ações têm sido tomadas para que este plano verde, coordenado pelo Arquiteto Paisagista Gonçalo Ribeiro Telles na década de 90, se torne realidade. Aos que visitam Lisboa atualmente, é notório o avanço paisagístico, sendo o aumento das áreas verdes, segundo o plano verde de Lisboa, o mais perceptível.

Em todo o território é possível notar o grande progresso que a cidade deu, desde a frente ribeirinha até ao Vale da Ameixoeira, passando por Monsanto, Vale de Alcântara, Avenida da Liberdade, Parque Eduardo VII, até ao corredor verde oriental (Vale de Chelas). Esses corredores verdes estão a ser construídos ou já foram finalizados e estão interligados, formando um grande corredor verde que envolve Lisboa.

Este Plano Verde, na cidade de Lisboa, não se limita à construção de novas áreas, mas também à reutilização de outras. É evidente que os grandes jardins e parques urbanos são importantes não apenas para a população, mas também para o continuum natural. No entanto, outros espaços, embora menores, são tão ou mais relevantes que os parques. Os logradouros são áreas entre prédios bastante comuns na cidade de Lisboa e com um caráter ecológico muito importante, funcionam como pequenas ilhas de natureza que ajudam a desenvolver pequenos "habitats" e servem como refúgio para muitas espécies. Um dos pontos que estava bem assente no início do Plano Verde de Lisboa era o aumento das áreas hortícolas nos meios urbanos, na visão de Gonçalo Ribeiro Telles.

Estrutura Ecológica

"A definição da Estrutura Ecológica da paisagem de um determinado território reconhece os sistemas ecológicos fundamentais e orientadores de uma implementação sustentável da estrutura edificada de forma a promover a

biodiversidade em ambiente urbano. A definição de uma Rede de Corredores Verdes com base na Estrutura Ecológica proporciona um instrumento eficaz de requalificação ambiental de territórios desestruturados, com especial ênfase nas áreas urbanas, constituindo igualmente uma excelente base para a definição de uma Estrutura Ecológica Urbana” (Ferreira, 2010) . A definição de uma Rede de Corredores Verdes com base na Estrutura Ecológica proporciona um instrumento eficaz de requalificação ambiental de territórios desestruturados, com especial ênfase nas áreas urbanas, constituindo igualmente uma excelente base para a definição de uma Estrutura Ecológica Urbana. Este trabalho apresenta e discute o contributo das Estruturas Ecológicas e das redes de Corredores Verdes como estratégias de requalificação e regeneração de áreas urbanas degradadas e como estratégia para a definição de um modelo de ocupação urbana sustentável em áreas sob pressão urbana.” (Ferreira, 2010)

“A Estrutura Ecológica pretende estabelecer o continuum naturale, ou seja um sistema natural, contínuo, que permita o funcionamento e desenvolvimento dos ecossistemas, promovendo assim a biodiversidade. Considerando o exposto, a Rede Ecológica Municipal/Urbana a adotar, tem por função essencial contribuir para a estabilidade física e sustentabilidade ecológica do município, constituída por sistemas espaciais com diferentes funções, recreio, produção e proteção. Ou seja, em territórios sob forte pressão antrópica, a Estrutura Ecológica deverá ser entendida como mais uma “infraestrutura” essencial ao equilíbrio do território, a par das redes de estradas, de abastecimento de água e de energia elétrica, entre outros”. (Ferreira et al, 2004 e Ferreira 2010b)

A estrutura ecológica é algo bastante importante no planeamento urbano e nunca deve ser visto “como um instrumento condicionador, mas como um instrumento que evidencia e potencia as aptidões de proteção, de produção, de recreio e culturais dos espaços”. Quando se refere à estrutura ecológica, pode-se abordar vários outros temas como, a REN (reserva ecológica Nacional) que

considera zonas potencialmente suscetíveis a riscos naturais ou zonas de riqueza ecológica.

A estrutura ecológica, enquanto instrumento, tem um carácter regulador, visando a proteção dos sistemas, um carácter propositivo, visando a reposição de sistemas, e ainda, um carácter escalar, integrando-se nos diferentes âmbitos dos IGT.

Em termos de tecido urbano a estrutura ecológica é algo que cada vez mais se deve ter em conta, cada vez mais, as ideias ecologistas, paisagistas, ambientalistas, são fomentadas nos centros urbanos e cada vez mais temos de ter em conta a estrutura ecológica e os corredores verdes de maneira a tornar mais verdes ambientes totalmente urbanos, trazer “habitats” para dentro da cidade e produzir nas cidades, ambientes que outrora pertenciam à paisagem. Neste tempo de pandemia, ouvimos notícias todos os dias, em que a natureza está a voltar para as cidades, porque antes de existirem centros urbanos existia paisagem, e para construir cidades têm de respeitar o *genius loci*.

Estrutura Ecológica Fundamental

“A Estrutura Ecológica Fundamental (EEF) é um subconjunto do Plano Verde e tem por função contribuir para a estabilidade física e sustentabilidade ecológica da cidade.

Esta estrutura deverá ser constituída por sistemas contínuos, não só de recreio mas também de produção e proteção, devendo estabelecer, com o tecido edificado, uma relação espacial coerente e equilibrada.

A morfologia de Lisboa, em termos de organização metodológica do território, divide-se em:

- *Sistema Seco - Vertentes com mais de 16% de inclinação, festos e pontos de vista dominantes;*

- *Sistema Húmido - Áreas adjacentes às linhas de água com declives até 5%, bacias de recepção e bacias de retenção;*
- *Encostas - Áreas intermédias entre o sistema seco e o húmido;*

As funções ambientais mais importantes da EEF, são as seguintes:

- *O fornecimento de oxigénio e o conforto ambiental, devido à redução das amplitudes térmicas e manutenção do teor em humidade do ar;*
- *A proteção dos ventos e a fixação de poeiras;*
- *A circulação da água;*
- *A criação de "Habitats", tendo em vista a biodiversidade e a ativação biológica;*
- *A possibilidade da realização de longos percursos, a pé ou de bicicleta, em contacto com a Natureza e permitindo a contemplação da paisagem.*

A Estrutura Ecológica Fundamental divide-se em dois subconjuntos, o "Sistema Húmido" e o "Sistema Seco", podendo incluir, em cada um destes sistemas, espaços e paisagens da Estrutura Ecológica Cultural.

O sistema húmido divide-se em "Sistemas Húmidos Interiores" e "Margem Ribeirinha do Tejo".(Telles, 2001, p. 9)

Enquadramento Paisagístico do Jardim da Fundação Calouste Gulbenkian na cidade de Lisboa

“O plano verde de Lisboa, foi elaborado na década de 90 pelo Arquiteto Paisagista Gonçalo Ribeiro Telles e uma vasta equipa de Arquitetos Paisagista que visava planear e pôr em prática uma estrutura verde ecológica composta por corredores verdes que iria envolver a cidade de Lisboa e que assentava em conceitos chave, tais como:

- *Continuum Naturale, um sistema contínuo (corredor) de ocorrências naturais que permitem o funcionamento e desenvolvimento dos ecossistemas e a permanência do potencial genético (biodiversidade).*
- *Continuum Culturale, um sistema contínuo de espaços edificados e os seus vazios;*
- *Genius Loci, os lugares para além do lugar físico, possuem valores simbólicos, históricos, telúricos, paisagísticos e ambientais que justificam que estes tenham um significado próprio na cidade e no território em geral.*
- *A polivalência dos espaços: Proteção, Produção e Recreio. A intensificação dos processos biológicos através da meandrização, elasticidade e biodiversidade.*
- *A capacidade de auto-regulação, auto-regeneração e auto-depuração dos recursos naturais como conceito básico da manutenção, perenidade e estabilidade das estruturas.” (Telles, 2001)*

O Jardim da FCG, tecnicamente não está inserido em nenhum corredor verde por se tratar de um Jardim privado com caráter público, mas ecologicamente está inserido tanto no corredor verde de Monsanto como no corredor verde central, por pertencer ao *continuum naturale* que é falado anteriormente

O corredor verde de Monsanto foi o pioneiro dos corredores verdes de Lisboa, que começaram na Avenida da Liberdade, Parque Eduardo VII/ Jardim Amália Rodrigues, Parque Ventura Terra, Jardim Amnistia Internacional e Quinta do Zé Pinto. Este corredor verde que cria uma conexão entre a baixa de Lisboa até ao Parque Florestal de Monsanto foi concluído em 2014, com a conclusão da intervenção na Quinta do Zé Pinto.

O corredor verde central é maioritariamente composto por jardins e parques já consolidados pré-existentes e por logradouros de enquadramento, sem utilização pública, no entanto, não deixam de ser corredores de

biodiversidade e de contribuir para o *continuum naturale* que tanto se ambiciona na cidade de Lisboa.

O corredor verde central pode ter início na Quinta Conde dos Arcos onde se localiza os viveiros da Câmara Municipal de Lisboa e onde se localiza o Parque Hortícola da Quinta Conde dos Arcos, tem cerca de 9 hectares e para além de albergar os viveiros, é neste espaço que está sediado a escola de jardinagem e de calceteiros do município de Lisboa. O Parque Urbano do Vale do Silêncio foi desenhado por Álvaro Dentinho Arquiteto Paisagista da primeira geração e concluído pelo Arquiteto Paisagista Manuel Sousa da Câmara já em 1950. O espaço localiza-se nos Olivais, com cerca de 8 hectares.

Mesmo nos espaços existentes houve intervenções que é o caso do Jardim e Parque Hortícola Aquilino Ribeiro que cria a ligação entre Alvalade e a alta de Lisboa, este jardim e parque hortícola tem cerca de 2,5 hectares. Outro espaço que pertence ao corredor verde central é o jardim do Campo Grande que nos tempos anteriores era apelidado Campo de Alvalade, o jardim do Campo actualmente tem cerca de 11 hectares, foi reformulado há pouco tempo o talhão a sul, sendo apelidado Jardim Mário Soares. O corredor verde central continua pela Alameda das universidades até ao estádio universitário, conectado à avenida dos combatentes até ao Jardim Zoológico de Lisboa.

O Jardim Gulbenkian

O Jardim Gulbenkian é um espaço de conexão entre os dois corredores verdes: o central e o de Monsanto. Embora não se integre conceitualmente em nenhum deles, desempenha um papel essencial em termos ecológicos, fortalecendo e integrando ambos. Desde a sua inauguração, o Jardim Gulbenkian demonstrou à cidade de Lisboa que é possível ter espaços de recreio abertos ao público com um carácter ecológico especial.

O que caracteriza o Jardim Gulbenkian é o seu carácter ecológico, que traz um pouco da paisagem portuguesa para dentro da cidade, criando uma atmosfera poética que pode ser apreciada enquanto caminhamos pelo jardim. O bosque, a orla e a clareira são os princípios básicos do jardim, onde seres humanos e animais podem coabitar, cada um com seu espaço e recanto. À medida que caminhamos pelo jardim, percebemos que estamos num local especial, parecendo que não estamos no centro da cidade de Lisboa. Todo o bosque próximo aos limites do espaço desempenha a função de diminuir os ruídos exteriores e servir de abrigo, principalmente para aves. O jogo de cheios e vazios torna a visita desafiadora e entusiasmante, nunca sabendo o que vem a seguir. E quando chegamos a cada nova área, ficamos deslumbrados pela simplicidade das formas e pelas telas de vegetação formadas. O Jardim Gulbenkian é considerado uma das melhores obras, se não a melhor, de Arquitetura Paisagista em Portugal e no mundo. Não só pelo seu carácter estético importante, mas também pelo seu carácter ecológico, que beneficia a cidade de Lisboa.

"Desde que o Jardim da Fundação Gulbenkian foi construído, as populações de aves de todos os tipos aumentaram nesta zona, evidenciando o progressivo aumento da biodiversidade de aves no Jardim Gulbenkian. Estes dados, além do interesse que poderão despertar junto das comunidades de ornitólogos, são um precioso indicador da saúde dos sistemas naturais que configuram este espaço, assim como da saúde da estrutura verde de uma cidade como Lisboa" (Rabaça, 2016).

A importância de pensar este espaço não como uma individualidade, mas sim na totalidade, em comunhão com a cidade de Lisboa e integrá-lo na estrutura ecológica da cidade, demonstra um pensamento de continuidade, equilíbrio e proteção da ecologia urbana. O Jardim Gulbenkian transformou-se num habitat de inúmeras espécies, e é interessante pensar que este jardim, construído em 1969, se tornaria tão importante para o desenvolvimento da

fauna e flora da cidade de Lisboa. O desenho do jardim procura criar zonas intimistas e áreas de convívio, em contraste com plantações densas que praticamente negam a presença da cidade. Apesar das referências dos projetistas às tipologias da paisagem portuguesa definidas por Caldeira Cabral - bosque , orla e clareira - ou aos espaços verdes da Inglaterra georgiana, a impressão atual remete mais fortemente aos pátios da tradição moura e islâmica. É a muralha, ou neste caso, a densa plantação de árvores, arbustos e outras vegetações, que cercam os espaços centrais e os isolam física e psicologicamente do mundo urbano exterior. Desta forma, os jardins Gulbenkian têm a função de refúgio da cidade, uma ilha verde que existe isolada da paisagem urbana. As formas e as massas das plantações sugerem a retirada da cidade em vez de um compromisso com ela, criando um efeito que lembra fortemente um jardim paradisíaco mais do que um artificial.

Contributo Sócio-cultural do Jardim da Fundação Calouste Gulbenkian

O Jardim da FCG tem um significativo contributo sócio-cultural para a comunidade. Além de ser um espaço verde exuberante e bem cuidado, o jardim oferece uma série de benefícios e atividades que enriquecem a vida dos visitantes e da população em geral.

Primeiramente, o jardim proporciona uma ambiência diferente no coração da cidade. Com massas arbóreas, arbustiva e herbáceas, lagos, espelhos d'água e trilhas arborizadas, o local oferece um refúgio da agitação urbana, permitindo que as pessoas se conectem com a natureza e desfrutem de momentos de paz e contemplação. A atmosfera serena do jardim contribui para o bem-estar emocional e mental, proporcionando um espaço de escape do ritmo acelerado da vida moderna.

Além disso, o Jardim da Fundação Calouste Gulbenkian é um espaço de convívio e sociabilidade. As clareiras, os diferentes equipamentos criam oportunidades para as pessoas se encontrarem, socializarem e desfrutarem de momentos de lazer juntas. O jardim é frequentemente palco de atividades culturais, como concertos ao ar livre, exposições de esculturas e performances artísticas, que trazem a comunidade e os amantes da arte e da cultura para interagirem e compartilharem experiências.

Além disso, o jardim é um importante cenário para atividades educativas e de aprendizagem. A FCG realiza regularmente programas educativos, visitas guiadas e oficinas no jardim, com o objetivo de despertar o interesse das pessoas pela natureza, pela arte e pelo meio ambiente. O jardim serve como um espaço vivo para aulas de ciências, workshops e outras atividades educativas, proporcionando um ambiente prático e inspirador para a aprendizagem.

No contexto social, o jardim também desempenha um papel inclusivo. É um espaço acessível para pessoas de todas as idades, com caminhos adaptados, rampas e áreas de descanso adequadas. Essa acessibilidade promove a participação e a integração de pessoas com mobilidade reduzida, permitindo que todos desfrutem do jardim e das atividades oferecidas.



III. Futuro

Fig.20- Excerto vista sobre o Engawa |
Fonte: ("Kengo Kuma selected to design the new expansion of the Gulbenkian Garden in Lisbon", n.d.)

Futuro do Jardim Gulbenkian

Após a abertura ao público em 1969, houve vários problemas de manutenção ao longo do tempo, chegando mesmo a ser encerrado para uma manutenção urgente e profunda em todo o jardim, que ocorreu em 1979 a qual foi orientada por um dos autores, Arquiteto Paisagista António Facco Viana Barreto. A direção da FCG emitiu um comunicado relatando o estado de degradação do jardim, mencionando que *"parece não ser possível conter a degradação a que chegou o Parque Calouste Gulbenkian (...) Nestes termos, e aproveitando a construção do Centro de Arte Moderna, o Conselho determinou que deverá, oportunamente, encerrar-se o Parque Calouste Gulbenkian ao público para se efetuar a recuperação e reconversão do Parque em referência. (...) de molde a que o Parque Calouste Gulbenkian esteja em condições de, em julho de 1981, poder ser reaberto ao público por ocasião do início das comemorações do 25º aniversário da FCG."* (Carapinha, 2017 *"As operações de conservação e manutenção [1969-2000]"*).

A manutenção dos jardins é essencial para preservar o que foi projetado em seu potencial máximo, e às vezes é necessário intervir em um espaço já concluído e melhorá-lo de acordo com as necessidades atuais, o que ocorreu com o Jardim Gulbenkian após a manutenção de 1979.

Em maio de 2000, o Arquiteto Paisagista Gonçalo Ribeiro Telles foi convidado pela FCG para redesenhar novamente todo o sistema de rega que estava com grandes problemas de rupturas, fugas etc. O arquiteto paisagista Gonçalo Ribeiro Telles aproveita esta iniciativa da FCG e foram consideradas várias outras questões relacionadas. Essas questões incluíam a redução dos custos de manutenção, a diminuição do consumo de água, o aumento da eficiência energética e a necessidade de encontrar soluções de qualidade para lidar com o crescente número de visitantes. Além disso, também era importante tornar o Jardim acessível a todas as pessoas, independentemente de suas necessidades ou limitações. Como se pode ler neste excerto

“Em novembro de 1999, perante a necessidade de instalação de um novo sistema de rega, o Conselho de Administração da Fundação Calouste Gulbenkian decidiu iniciar uma terceira campanha de intervenções de recuperação no Jardim, com a qual se procurou também anular alguma descaracterização que pudesse advir daquela intervenção. Foram rapidamente levantadas e consideradas outras questões como dados programáticos das intervenções a implementar: diminuição dos custos de manutenção; redução do consumo de água; aumento da eficiência energética; necessidade de encontrar soluções para responder com qualidade ao crescente número de visitantes; tornar o Jardim acessível a todos. Esta terceira fase vai ser da responsabilidade de Gonçalo Ribeiro Telles.” (Carapinha, 2017 “As operações de conservação e manutenção [1969-2000]”).

O motivo era o crescimento significativo das orlas e dos bosques, sendo necessário realizar desbastes e criar pequenos jardins dentro do bosque e ao longo das orlas. As principais ideias por trás dessa nova intervenção visavam recuperar a forma e a conceção inicial do Jardim, integrando os jardins que haviam sido construídos no seu interior ao longo dos anos, *“recuperar a ideia básica que presidiu à criação do espaço, que se tinha transformado com o passar do tempo e com alguns erros de conservação (...) A aposta foi consolidar a estrutura ecológica, valorizar panorâmicas, abrindo novos caminhos e lugares de estar.*

Para isso, o jardim foi dividido em cinco unidades de intervenção: a zona adjacente à entrada do edifício sede; a área ao longo do Museu Calouste Gulbenkian; o espaço próximo à Avenida António Augusto de Aguiar; o percurso entre o lago e o Centro de Arte Moderna José de Azeredo Perdigão; e, por fim, uma última intervenção menos visível nas encostas norte e nascente do lago”. (Boaventura, 2006)

Nesta entrevista, Gonçalo Ribeiro Telles explica que é normal essas manutenções e novas intervenções ocorrerem e diz que *“um jardim é uma coisa com vida própria, que cresce e se desenvolve, não é um objeto morto”* (Boaventura, 2006).

Gonçalo Ribeiro Telles acrescenta que "é bom" que a ideia original que presidiu à criação do espaço *"possibilite a evolução, senão seria um mau projeto"* (Boaventura, 2006).

O Arquiteto Paisagista Gonçalo Ribeiro Telles propôs uma série de intervenções estéticas e ecológicas que visavam eliminar alguma desordem exterior à vida no Jardim e que de alguma forma modificaram o conceito original. A orla protetora do Jardim foi consolidada, algumas vistas foram reforçadas e algumas áreas de prado e relvado foram redesenhadas. A área de percursos foi aumentada, revelando espaços anteriormente ocupados pela vegetação. Alguns desses espaços "surgem de acordo com as ambiências idealizadas, outras vezes exibem espacialidades inesperadas que se oferecem como novos jardins que irrompem no Jardim". (Carapinha, 2006, p.145)

Esses "novos jardins" surgem principalmente dentro do bosque e ao longo das orlas, projetados para serem espaços *"feitos mais de luz do que de forma"*. (Carapinha, 2006, p.145). A luz, a sombra e a água são características desses "novos jardins" que emergem nas orlas, com simples espelhos d'água, "os olhos", que aparecem de forma discreta ao longo de todo o Jardim, contribuindo significativamente para a biodiversidade e refletindo uma profundidade imensa.

Assim, é importante ressaltar a importância da manutenção de espaços verdes. Não basta apenas projetá-los e construí-los, é necessário mantê-los e adaptá-los às necessidades atuais. A qualidade, sensibilidade e organização das equipas de jardineiros responsáveis por cuidar desses espaços são essenciais para mantê-los fiéis à visão de seus idealizadores. Essa é a missão daqueles que cuidam do Jardim Gulbenkian.

As 12 propostas para o novo jardim da Fundação Calouste

Gulbenkian

A FCG, convidou 12 equipas para desenvolverem um novo projeto para o designado “Vértice Sul”, um projeto que deveria integrar a requalificação do edifício do Centro de Arte Moderna (CAM) e a conceção do novo jardim da FCG.

Foi indicado pela Fundação que as equipas deveriam ser compostas também por Arquitetos Paisagistas. Com este novo espaço a FCG irá assim ter um acesso a sul, que irá conectar com a Rua Marquês de Fronteira. O desafio de projetar para este espaço é grande, por ser um novo jardim que terá de ter relação com o jardim já existente. Gonçalo Ribeiro Telles quando da construção do CAM, avisou que não deveria ser construído na localização onde se encontra hoje, por obstruir completamente a relação visual com o novo espaço adquirido pela Fundação. Se o CAM não tivesse sido construído na localização presente, seria mais fácil fazer a ligação entre os dois espaços, o jardim atual e o novo jardim, nunca quebrando a *continuum naturale* que poderia existir e os eixos visuais que foram propositadamente pensados pelos Arquitetos Paisagistas, António Viana Barreto e Gonçalo Ribeiro Telles. Esta profundidade pensada pelos Arquitetos Paisagistas, foi posta em causa na construção do CAM, hoje, a relação visual entre o jardim actual e o novo jardim terá de ser pensada de outra forma, quase como transformar o CAM num edifício transparente para enfatizar esta relação entre os dois espaços.

Projetar para este novo jardim “Vértice Sul” não foi certamente um trabalho fácil, embora o projeto seja para um local que está sem uso público e que necessitava de uma intervenção, jamais será fácil fazer um projeto para a ampliação do Jardim da FCG, por toda a carga histórica e social que o Jardim atual tem.

A FCG lançou o concurso no dia 31 de março de 2019 e pedia-se aos candidatos que respondessem de forma sintética a 4 perguntas.

“1. Como trataria uma nova entrada no Parque através do "Vértice sul", tendo em atenção que deverá passar a ser uma alternativa importante para o acesso do público às Coleções do Museu e ao Parque no seu todo, potenciando a sua relação com a área urbana envolvente?

2. Como desenvolveria a nova área de jardim promovendo a sua integração coerente no Parque Gulbenkian e o tratamento das áreas de transição, acrescentando valor ao património existente, conferindo-lhe, simultaneamente, um carácter atual?

3. Como desenvolveria o acesso ao edifício da Coleção Moderna e através dele à Coleção do Fundador e aos outros espaços culturais do Parque, no respeito pelos valores existentes, mas sem prejuízo de uma linguagem marcadamente contemporânea?

4. Como aproveitaria a hipótese de ampliação de área até 700m², tendo em vista a resolução da nova entrada no edifício da Coleção Moderna e o seu atravessamento, a criação de uma imagem forte e facilmente identificável com a FCG, criando cumulativamente espaço expositivo com ótimas condições museográficas?” (Ponte et al., 2020, p.10)

Como foi dito atrás concorreram 12 equipas, Manuel Aires Mateus, Patrícia Barbas, Carla Juaçaba

Emanuel Christ e Christopher Gantenbein, Inês Lobo, Jonh Pawson, Junya Ishigami, Kengo Kuma, Francisco Vieira de Campos e Cristina Guedes, Pedro Domingos, Inês Vieira da Silva e Miguel Vieira e Tatiana Bilbao. As equipas entregaram as propostas no dia 31 de Maio do mesmo ano.

A Proposta Vencedora : Engawa | Kengo Kuma e Vladimir Djurovic

A proposta vencedora do concurso para o novo Jardim da FCG, foi ganha pelo Arquiteto Kengo Kuma e pelo Arquiteto Paisagista Vladimir Djurovic que trabalharam os dois numa proposta conjunta.

A proposta consiste em redefinir os eixos do jardim e de criar novas ligações à cidade, sendo pensado não de forma separada edifício/jardim, mas sim como um conjunto de todos os elementos da paisagem. A criação de uma nova conectividade entre o edifício (Centro de Arte Moderna), foi feita através do “Engawa” inspirado na arquitetura japonesa irá transformar a frente do edifício que está localizada a sul, numa zona abrigada e num espaço social, esta estrutura é uma pala em forma de aba de telhado, nas palavras do Arquiteto Kengo Kuma, *“que se considera não ser totalmente interior, nem exterior nas habitações tradicionais japonesas”* (Ponte et al., 2020, p. 12)

O Arquiteto frisa que o “Engawa” irá acrescentar ao edifício e facilitar a transição do CAM para o novo jardim Gulbenkian, diz ainda que este espaço terá uma vasta capacidade de albergar todo o tipo de atividades desde eventos, local para reuniões informais, ou apenas para usufruir durante as horas de descanso. Para conseguir novamente a ligação outrora corrompida entre o Jardim a norte e o Jardim a sul, resolveram retirar de dentro do CAM, todos os volumes construídos que estavam em excesso e que criavam uma barreira visual de norte para sul, expondo assim o esqueleto do edifício do CAM, conseguindo a conexão visual entre os dois espaços.

Relativamente ao jardim, o Arquiteto Paisagista Vladimir Djurovic propõe uma floresta urbana, aberta à cidade, que define uma nova frente paisagística para a expansão do Parque da Fundação Gulbenkian.

O contacto direto da rua com a orla da mata define esta nova entrada, um gesto convidativo que oferece parte do terreno da fundação para a cidade.

Caminhos sinuosos de cascalho atravessam a "floresta", levando o visitante ao museu e aos terrenos existentes a norte.

À medida que se entra, a paisagem desdobra-se a cada volta, revelando uma série de surpresas escondidas como clareiras e prados, grandes espelhos de água esculturais e pequenos pavilhões que servem como viveiros.

A preocupação do arquiteto paisagista com a presença de água é visível, ao introduzir "os jardins de chuva" que definem a base dos espelhos de água esculturais. Estes elementos de água servem também para integrar a nova intervenção com o parque existente.

Funcionaram como charcos temporários, nos períodos de chuva, a água de diferentes formas será uma presença constante em todo o novo jardim da Fundação Gulbenkian.

Este projeto pretende também preservar a maioria das árvores existentes. A plantação de novas espécies teve em vista, não só a sua capacidade de atrair animais silvestres, como pássaros, abelhas e borboletas, mas também como agente integrador. Um conjunto de arbustos nativos, herbáceas de cobertura e gramíneas que já estão presentes no Jardim Gulbenkian, esta vegetação constitui a base da plantação do sub-bosque do novo Jardim.



Fig.21- Planta do Projecto Vencedor | Fonte: (*O Jardim da Gulbenkian está a crescer para sul e vai abrir-se à cidade, s.d.*)

Fig.22 - Vista realista do novo jardim da FCG | Fonte: (*O Jardim da Gulbenkian está a crescer para sul e vai abrir-se à cidade, s.d.*)

Fig.23 - Vista realista da entrada do novo jardim da FCG | Fonte: (*O Jardim da Gulbenkian está a crescer para sul e vai abrir-se à cidade, s.d.*)



O Novo Jardim da Fundação Calouste Gulbenkian: Crítica

O projeto do arquiteto Kengo Kuma e do arquiteto paisagista Vladimir Djurovic para o novo jardim da Fundação Calouste Gulbenkian promete trazer uma nova dimensão ao já consagrado legado paisagístico da Fundação. A proposta arrojada e contemporânea procura redesenhar o espaço existente e conectar harmoniosamente a rica história e a identidade cultural do local com uma estética e funcionalidade inovadoras. Neste texto, abordaremos criticamente as diversas facetas do projeto, exaltando os seus pontos fortes e identificando possíveis desafios que poderão moldar a relação entre o novo jardim e o seu antecessor.

Um dos aspetos mais significativos do projeto é a maneira como ele procura integrar-se harmoniosamente com a paisagem circundante e respeitar a história da Fundação Calouste Gulbenkian. A escolha de Kengo Kuma e Vladimir Djurovic para esta empreitada demonstra a sensibilidade com que foram selecionados profissionais capazes de preservar e reinterpretar a essência do jardim original, criado por António Viana Barreto e Gonçalo Ribeiro Telles. A integração dos elementos construídos ao cenário natural, através da subtilidade e da escolha cuidadosa dos materiais, confere ao projeto uma qualidade atemporal que dialoga com o passado sem perder de vista as aspirações contemporâneas.

O novo jardim proposto pela equipa de Kengo Kuma e Vladimir Djurovic procura transcender os limites físicos da Fundação, estabelecendo uma ligação mais profunda com a cidade. A criação de um corredor verde, que serve como transição entre a paisagem urbana e o jardim, representa uma proposta ousada e inovadora. Esta abordagem reflete a importância de trazer a natureza para o contexto urbano, permitindo que os visitantes beneficiem da serenidade e da beleza natural oferecidas pelo jardim. Esta interação entre o ambiente construído e o jardim oferece uma experiência mais holística, ligando a comunidade com a natureza em pleno meio urbano.

A seleção criteriosa das espécies vegetais é um aspecto notável do projeto de Kuma e Djurovic. Ao priorizar a utilização de espécies nativas e adaptadas ao clima local, o novo jardim da Fundação Calouste Gulbenkian não apenas valoriza a biodiversidade, mas também contribui para a promoção da sustentabilidade ambiental. A disposição das camadas vegetais, com diferentes formas, texturas e cores, proporciona uma experiência estética única, que convida os visitantes a explorarem e a envolverem-se mais profundamente com a natureza. Esta abordagem exemplar destaca a importância de criar espaços verdes que estejam em harmonia com o meio ambiente, fomentando a coexistência harmoniosa entre a vida urbana e a natureza.

Apesar das inúmeras qualidades do projeto, é essencial abordar também alguns desafios e possíveis críticas que poderão surgir durante a implementação e o uso do novo jardim da FCG. Um ponto de atenção é a necessidade de garantir uma integração fluida entre os elementos construídos e o espaço verde, de forma a evitar uma sobreposição desconectada. É fundamental que o projeto consiga equilibrar a presença marcante das estruturas arquitectónicas com a sensação de imersão na natureza, criando uma experiência harmoniosa e coerente.

Outro aspecto a ser considerado é a avaliação cuidadosa da eficácia das estratégias sustentáveis empregadas. Embora o projeto procure incorporar práticas ambientalmente responsáveis, é importante garantir que sejam implementadas de forma efetiva e que contribuam para a preservação e a regeneração do ecossistema local. A manutenção do jardim também deve ser cuidadosamente planeada e executada, garantindo que a beleza e a funcionalidade do espaço sejam preservadas a longo prazo.

Ao comparar o novo projeto com o jardim existente da Fundação Calouste Gulbenkian, é possível destacar tanto as diferenças quanto as semelhanças entre os dois. O jardim original, concebido por António Viana Barreto e Gonçalo Ribeiro Telles, carrega consigo uma história rica e uma estética clássica, que

continua a encantar os visitantes até aos dias de hoje. A combinação de elementos formais, como os canteiros simétricos e os caminhos pavimentados, com a exuberância da vegetação proporciona uma experiência única e tradicional.

Por outro lado, o novo projeto de Kuma e Djurovic procura reinterpretar essa tradição de forma contemporânea, adicionando uma abordagem mais fluida e orgânica ao desenho do jardim. As linhas sinuosas e as formas esculturais das estruturas arquitetônicas dialogam com a natureza de forma mais integrada, criando uma atmosfera mais contemporânea e dinâmica. Esta diferenciação permite que o novo jardim se destaque como uma obra autônoma, ao mesmo tempo que mantém um diálogo respeitoso com o seu antecessor.

O projeto do arquiteto Kengo Kuma e do arquiteto paisagista Vladimir Djurovic para o novo jardim da Fundação Calouste Gulbenkian apresenta uma visão inspiradora e ambiciosa para a evolução deste espaço icónico. A sua abordagem integrada, que valoriza a história, promove a conexão com a cidade, prioriza a biodiversidade e procura a sustentabilidade, oferece uma perspetiva contemporânea sobre a relação entre a arquitetura e a paisagem. Embora desafios e críticas possam surgir durante a implementação, é inegável que o projeto traz uma nova camada de significado e beleza ao jardim da Fundação, estabelecendo um diálogo fecundo entre o passado e o futuro.

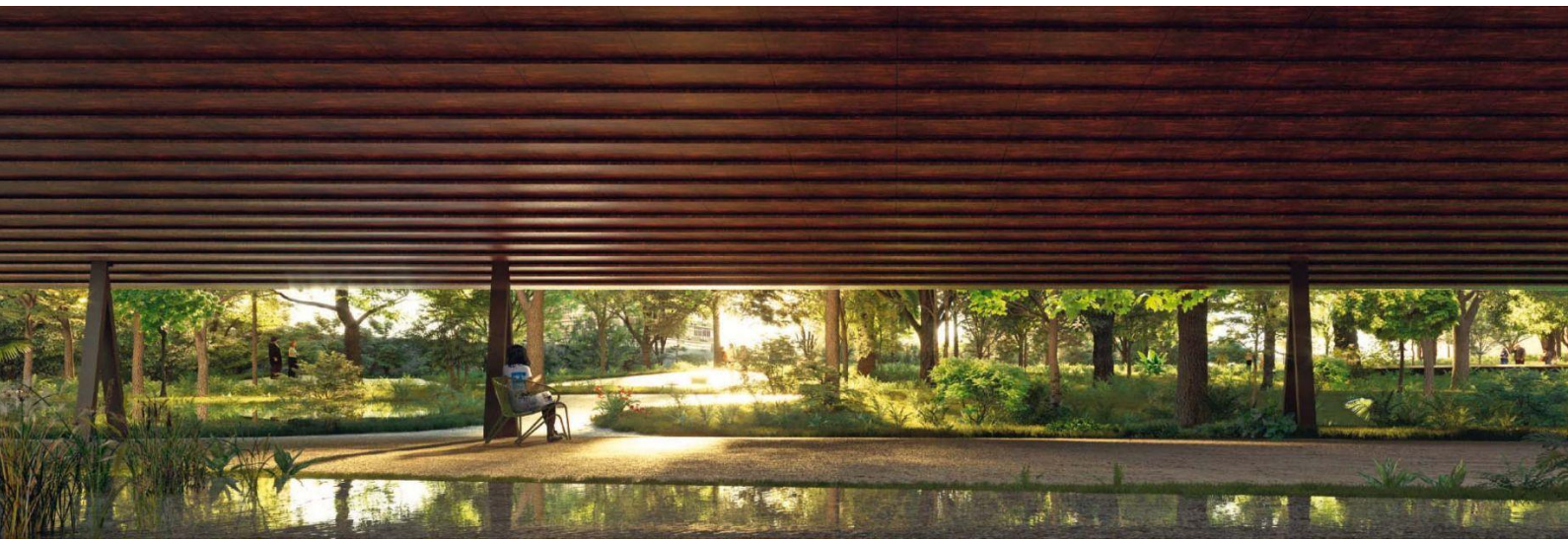


Fig.24 - Vista realista do Engawa para o jardim | Fonte: ("Gulbenkian Foundation Extension and Gardens, Lisbon - Kengo Kuma", 2019)



Fig.25 - Vista realista aérea do Engawa | Fonte: ("Gulbenkian Foundation Extension and Gardens, Lisbon - Kengo Kuma", 2019)

Fig.26 -Corte ilustrativo da transição do jardim actual para o novo jardim | Fonte: ("Gulbenkian Foundation Extension and Gardens, Lisbon - Kengo Kuma", 2019)





Fig.27- Vista realista do engawa e do CAM | Fonte: ("Gulbenkian Foundation Extension and Gardens, Lisbon - Kengo Kuma", 2019)

Fig.28- Vista realista dos viveiros propostos | Fonte: ("Gulbenkian Foundation Extension and Gardens, Lisbon - Kengo Kuma", 2019)

Fig.29 - Vista realista do eixo visual entre o CAM e a entrada | Fonte: ("Gulbenkian Foundation Extension and Gardens, Lisbon - Kengo Kuma", 2019)



Reflexões Finais

A Fundação Calouste Gulbenkian (FCG) ocupa um lugar de destaque no panorama cultural, arquitetónico e paisagístico de Portugal. Desde a sua criação durante o regime salazarista, por iniciativa do visionário Calouste Sarkis Gulbenkian, a FCG tem evoluído para tornar-se um polo criativo e cultural aberto a todos os cidadãos de Lisboa e de Portugal. Nesse contexto, o jardim da FCG desempenha um papel fundamental, representando um marco significativo na história da Arquitetura Paisagista Portuguesa.

Os arquitetos paisagistas António Facco Vianna Barreto e Gonçalo Ribeiro Telles tiveram um papel crucial na transformação do jardim da FCG. Eles desafiaram completamente a abordagem tradicional e clássica na construção de espaços públicos, preservando a essência do jardim português, enquanto redefiniam completamente a conceção do espaço. Esse momento de ruptura com a vanguarda clássica foi um passo importante para o desenvolvimento da arquitetura paisagista em Portugal.

Como estagiário na FCG, tive o privilégio de acompanhar de perto o trabalho realizado pelo departamento do Jardim, sob a coordenação da Arquitecta Paisagista Paula Corte-Real. Através de atividades, palestras e visitas, o departamento do jardim tem promovido a apreciação e o conhecimento do jardim da Fundação Gulbenkian, de formas adequadas a todas as idades. Essa experiência foi profundamente enriquecedora e proporcionou uma compreensão genuína do significado do trabalho em equipa, além de oferecer uma visão privilegiada sobre o funcionamento de uma grande organização.

Ao explorar e compreender a obra da FCG em sua totalidade, pude contemplar todos os detalhes construtivos, desde o jardim até o edifício. Testemunhar as transformações e vivenciar diariamente o dinamismo do jardim

revelou um ecossistema especial, meticulosamente criado pelo homem e que opera perfeitamente em equilíbrio. Esse encontro entre a intervenção humana e a natureza é uma característica marcante do jardim da FCG, destacando sua importância como um espaço paisagístico de excelência.

Nesse contexto, o projeto dos renomados arquitetos Kengo Kuma e Vladimir Djurovic para o novo jardim da Fundação Calouste Gulbenkian assume uma abordagem inovadora e inspiradora. A proposta procura estabelecer uma conexão harmoniosa entre a história e a identidade cultural do local, utilizando uma estética contemporânea e funcionalidade inovadora. A integração cuidadosa com a paisagem circundante e a seleção criteriosa das espécies vegetais demonstram um compromisso em preservar o legado paisagístico e promover a sustentabilidade ambiental.

Um aspecto notável do projeto é a criação de um corredor verde que conecta o jardim à cidade, oferecendo uma experiência mais holística. Esta abordagem ressalta a importância de estabelecer uma interação equilibrada entre o ambiente construído e o espaço verde, permitindo que os visitantes desfrutem da serenidade e da beleza natural oferecidas pelo jardim em meio à agitação urbana.

Embora seja importante reconhecer os desafios e possíveis críticas que possam surgir durante a implementação e o uso do novo jardim, é inegável que o projeto trará uma nova camada de significado e beleza à Fundação. O diálogo entre o passado e o futuro estabelece-se de forma profícua, enriquecendo a experiência dos visitantes e enaltecendo a importância da arquitetura paisagista como uma forma de expressão artística e cultural.

A Fundação Calouste Gulbenkian, na sua evolução como espaço paisagístico icônico, demonstra a importância da preservação do patrimônio cultural e da inovação em harmonia. O jardim, como componente essencial

desse legado, continua a ser um local de encontro entre a natureza e a cultura, abrindo as suas portas para uma apreciação mais ampla e inclusiva. Através da colaboração entre grandes profissionais e do compromisso em promover a sustentabilidade ambiental, a FCG permanece como um exemplo inspirador de como a arquitetura paisagista pode moldar e enriquecer a vida nas cidades.

"Plantações de árvores não são floresta, engenharia florestal não é silvicultura, culturas transgênicas não são agricultura, animais clonados não são pecuária, operações fundiárias não são engenharia biofísica, arranjos verde não é arquitetura paisagista, esverdeamento de culturas não é prestação de serviços ambientais."

Gonçalo Ribeiro Telles

Referências Bibliográficas

Carapinha, A. (coords.) (2006). *O jardim: Fundação Calouste Gulbenkian*. (F. C. Gulbenkian, Ed.).

Ferreira, J. C.; Silva, C.; Tenedorio, J. A.; Pontes, S.; Encarnação, S and Marques, L. (2004) Coastal Greenways: Interdisciplinarity and Integration Challenges for the Management of Developed Coastal Areas. *Journal of Coastal Research*, SI 39, Itajaí, SC – Brazil, ISSN 0749-0208.

Ferreira, J. C. (2010), Estrutura Ecológica e Corredores Verdes - estratégias territoriais para um futuro urbano sustentável in *Pluris 2010 - 4º Congresso Luso*

Ferreira, J. C. e Rocha, J. (2010), Rede de Corredores verdes para a Área Metropolitana de Lisboa: estratégias e oportunidades para a Requalificação Ambiental, in *Corredores Verdes. Contributo para um Ordenamento Sustentável Regional e Local*, Instituto Geográfico Português, Lisboa. Brasileiro para o Planeamento Urbano, Regional, Integrado, Sustentável, Faro.

Telles, G. R. (2001). *Plano verde de Lisboa*

Ponte, T. N. d., Antunes, S., & Motta, B. T. d. (2020). Nova jardim Gulbenkian: 12 projetos de arquitectura = New Gulbenkian garden : 12 architecture projects. Fundação Calouste Gulbenkian

WEBGRAFIA

Boaventura, I. (2006, 23 de abril). *Gonçalo Ribeiro Telles "reinventa" jardim Gulbenkian meio século depois da sua criação* in **PÚBLICO**.
<https://www.publico.pt/2006/04/23/jornal/goncalo-ribeiro-telles-reinventa-jardim-gulbenkian-meio-seculo-depois-da-sua-criacao-75160>

Carapinha, A. (coords.), (2017, 6 de junho). *Do caráter do lugar* in **Arquivo digital do jardim**.
<https://gulbenkian.pt/arquivo-digital-jardim/projeto-do-jardim/do-carater-do-lugar/>

Carapinha, A. (coords.), (2017, 6 de junho). *Do concurso ao anteprojecto (1959-1962)* in **Arquivo digital do jardim**.
<https://gulbenkian.pt/arquivo-digital-jardim/projeto-do-jardim/do-concurso-ao-anteprojecto/>

Carapinha, A. (coords.), (2017, 6 de junho). *A preparação do parque e as instalações provisórias (1957-1963)* in **Arquivo digital do jardim**.
<https://gulbenkian.pt/arquivo-digital-jardim/projeto-do-jardim/preparacao-parque-instalacoes-provisorias/>

Carapinha, A. (coords.), (2017, 6 de junho). *Revisão de 1966* in **Arquivo digital do jardim**.
<https://gulbenkian.pt/arquivo-digital-jardim/project-phase/revisao-1966-conclusao/>

Carapinha, A. (coords.) (2017, 5 de abril). *As operações de conservação e manutenção (1969-2000)*. in **Arquivo Digital do Jardim**.

<https://gulbenkian.pt/arquivo-digital-jardim/projeto-do-jardim/operacoes-conservacao-manutencao-1969-2000/>

Rabaça, J. (2016). *As Aves do Jardim Gulbenkian* in **Repositório Universidade de Évora**

<https://dspace.uevora.pt/rdpc/bitstream/10174/19917/1/Aves%20do%20Jardim%20Gulbenkian%20RDPC.pdf>.

Figura 1 - Vista sobre o lago - Parque de Santa Gertrudes. Obtido em 15 de outubro de 2022, de <https://gulbenkian.pt/arquivo-digital-jardim/garden-document/vista-sobre-o-lago/>

Figura 2 - *Vista sobre o lago e glorieta no parque de Santa Gertrudes* [Imagem].

(s.d.). Arquivo Digital do Jardim in

<https://gulbenkian.pt/arquivo-digital-jardim/garden-document/vista-sobre-o-lago-e-glorieta-no-parque-de-santa-gertrudes/>

Figura 3 - Pinto, S. (1905). *Parque de Santa Gertrudes* [Imagem]. Arquivo Digital do Jardim in

<https://gulbenkian.pt/arquivo-digital-jardim/garden-document/parque-de-santa-gertrudes/>

Figura 4 - *Planta do Jardim Zoológico D'Acclimação de Lisboa* [Imagem]. (1883).

Arquivo Digital do Jardim.

<https://gulbenkian.pt/arquivo-digital-jardim/garden-document/planta-do-jardim-zoologico-dacclimacao-de-lisboa/>

Figura 5 - Duarte, J. (1826). *Quinta do Provedor dos Armazéns*. Arquivo Digital do Jardim. Obtido em 4 de outubro de 2022, de

<https://gulbenkian.pt/arquivo-digital-jardim/garden-document/quinta-do-provedor-dos-armazens/>.

Figura 6 - Folque, F. (1857). Quinta de Fernando Larre – in Atlas da Carta Topográfica de Lisboa. Arquivo Digital do Jardim. Obtido em 4 de outubro de 2022, de <https://gulbenkian.pt/arquivo-digital-jardim/garden-document/quinta-de-fernando-lavre-in-atlas-da-carta-topografica-de-lisboa-2-copy/>.

Figura 7 - Lisboa de Antigamente. Lisboadeantigamente.blogspot.com. (1900). Obtido em 4 de outubro de 2022, de <https://lisboadeantigamente.blogspot.com/search?q=Quinta+do+Provedor+dos+Armaz%C3%A9ns>.

Figura 8 - Lisboa de Antigamente. Lisboadeantigamente.blogspot.com. (1900). Obtido em 4 de outubro de 2022, de <https://lisboadeantigamente.blogspot.com/search?q=Quinta+do+Provedor+dos+Armaz%C3%A9ns>.

Figura 9 - Vista sobre o lago - Parque de Santa Gertrudes. Obtido em 15 de outubro de 2022, de <https://gulbenkian.pt/arquivo-digital-jardim/garden-document/vista-sobre-o-lago>

Figura 10 - Leitão Bárcia, A. (1900). Lisboa de Antigamente. Lisboadeantigamente.blogspot.com. Obtido em 4 de outubro de 2022, de <https://lisboadeantigamente.blogspot.com/search?q=avenida+da+liberdade>.

Figura 11 - Cruz, C. (1894). Lisboa de Antigamente. Lisboadeantigamente.blogspot.com. Obtido em 4 de outubro de 2022, de <https://lisboadeantigamente.blogspot.com/search?q=avenida+da+liberdade>.

Figura 12 - Chaves Bobone, B. (1902). Lisboa de Antigamente. Lisboadeantigamente.blogspot.com. Obtido em 4 de outubro de 2022, de <https://lisboadeantigamente.blogspot.com/search?q=Ant%C3%B3nio+Augusto+Aguiar>.

Figura 13 - Carlos Lima, A. Avenida Fontes Pereira de Melo: solar Mayer e Palácio Sotto Mayor. Obtido em 15 de outubro de 2022, de <https://lisboadeantigamente.blogspot.com/2018/03/avenida-fontes-pereira-de-melo-solar.html>

Figura 14 - da Cunha, F. Estr. de Benfica, ou de Palhavã. Obtido em 15 de outubro de 2022, de <https://lisboadeantigamente.blogspot.com/2015/12/estrada-de-benfica-ou-de-palhava.html>

Figura 15 - Novais, M. (1957). Parque de Santa Gertrudes: Vista aérea*. Obtido em 15 de outubro de 2022, de <https://gulbenkian.pt/arquivo-digital-jardim/garden-document/instalacoes-propr-ias-parque-de-santa-gertrudes-vista-aerea/>

Figura 16 - Serviço de Projetos e Obras, F. (1962). Parque de Santa Gertrudes: Terraplanagens- 1ª Empreitada. Obtido em 15 de outubro de 2022, de <https://gulbenkian.pt/arquivo-digital-jardim/garden-document/instalacoes-propr-ias-parque-de-santa-gertrudes-terraplanagens-2/>

Figura 17 - Novais, M. (1964). Zona a ocupar com o corpo do Auditório: construção concluída do muro periférico autoportante junto do Eucalipto centenário*. Obtido em 15 de outubro de 2022, de <https://gulbenkian.pt/arquivo-digital-jardim/garden-document/zona-a-ocupar-com-o-corpo-do-auditorio-aspectos-da-construcao-concluida-do-muro-periferico-a-utoportante-junto-do-eucalipto-centenario/>

Figura 18 - Parque de Santa Gertrudes - Instalações Provisórias. (1962). Obtido em 15 de outubro de 2022, de <https://gulbenkian.pt/arquivo-digital-jardim/garden-document/instalacoes-propr-ias-parque-de-santa-gertrudes-terraplanagens/>

Figura 19 - Pina, P. (2020). Conversa no Jardim com Aurora Carapinha. Obtido em 15 de outubro de 2022, de <https://gulbenkian.pt/descobrir/geral/conversa-no-jardim-com-aurora-carapinha/>

Figura 20 - Kengo Kuma selected to design the new expansion of the Gulbenkian Garden in Lisbon. Obtido em 15 de outubro de 2022, de <https://worldarchitecture.org/wa-top-teaser/ecgfmzzh/kengo-kuma-selected-to-design-the-new-expansion-of-the-gulbenkian-garden-in-lisbon>

Figura 21 - *O Jardim da Gulbenkian está a crescer para sul e vai abrir-se à cidade.* (s.d.). Lisboa Para Pessoas. https://lisboaparapessoas.pt/2023/03/05/jardim-da-gulbenkian-sul/?doing_wp_cr on=1687012233.1406779289245605468750

Figura 22 - *O Jardim da Gulbenkian está a crescer para sul e vai abrir-se à cidade.* (s.d.). Lisboa Para Pessoas. https://lisboaparapessoas.pt/2023/03/05/jardim-da-gulbenkian-sul/?doing_wp_cr on=1687012233.1406779289245605468750

Figura 23 - *O Jardim da Gulbenkian está a crescer para sul e vai abrir-se à cidade.* (s.d.). Lisboa Para Pessoas. https://lisboaparapessoas.pt/2023/03/05/jardim-da-gulbenkian-sul/?doing_wp_cr on=1687012233.1406779289245605468750

Figura 24 - Gulbenkian Foundation Extension and Gardens, Lisbon - Kengo Kuma. (2019). Obtido em 15 de outubro de 2022, de <https://arquitecturaviva.com/works/ampliacion-y-jardines-de-la-fundacion-gulbenkian-lisboa-1>

Figura 25 - Gulbenkian Foundation Extension and Gardens, Lisbon - Kengo Kuma. (2019). Obtido em 15 de outubro de 2022, de

<https://arquitecturaviva.com/works/ampliacion-y-jardines-de-la-fundacion-gulbenkian-li>

Figura 26 - Gulbenkian Foundation Extension and Gardens, Lisbon - Kengo Kuma. (2019). Obtido em 15 de outubro de 2022, de <https://arquitecturaviva.com/works/ampliacion-y-jardines-de-la-fundacion-gulbenkian-li>

Figura 27 - Gulbenkian Foundation Extension and Gardens, Lisbon - Kengo Kuma. (2019). Obtido em 15 de outubro de 2022, de <https://arquitecturaviva.com/works/ampliacion-y-jardines-de-la-fundacion-gulbenkian-li>

Figura 28 - Gulbenkian Foundation Extension and Gardens, Lisbon - Kengo Kuma. (2019). Obtido em 15 de outubro de 2022, de <https://arquitecturaviva.com/works/ampliacion-y-jardines-de-la-fundacion-gulbenkian-li>

Figura 29 - Gulbenkian Foundation Extension and Gardens, Lisbon - Kengo Kuma. (2019). Obtido em 15 de outubro de 2022, de <https://arquitecturaviva.com/works/ampliacion-y-jardines-de-la-fundacion-gulbenkian-li>